

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.ª JULIO HILÁRIO VAZ



Redacção e Administração, Internas: Paróquia Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA



Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XI

Melgaço 1 de Fevereiro de 1957

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 136

AS FEIRAS EM PADERNE

Diz o Senhor Miguel António no "Notícias de Melgaço", de 20 do corrente, que se deixe ficar a feira do gado no largo da Corredoura e ao mesmo tempo que deixe em paz às autoridades da freguesia que não lhe falta que fazer e em que pensar!

Como poderei deixar em paz as autoridades da freguesia se nem a nossa consciência nem a deles ficaria?

Todos sabem que a feira do gado no largo da Corredoura é um escarro para a freguesia.

Embora a gente de Paderne fique dispensada de morrer nos dias 2 e 17 de cada mês, para nos dias de feira não ir a enterrar, não se mudará o dia 3 de Novembro dia de romagem aos nossos queridos antepassados ao cemitério.

Há dias as nossas Ex.mas Autoridades, mandaram colocar uns bancos no largo da Corredoura, para durante o verão podermos desfrutar um pouco de fresta. Com um cheiro nauseabundo nem só produzido pelo excremento dos animais mas também da urina dos homens que depois das feiras fica, quem tendo nariz é capaz de ali estar?...

Quem poderia com um número indeterminável de moscas ali sentar-se?...

Vê-se bem Senhor Miguel António, que não assistiu à venda do gado aqui em Paderne e que como o informaram já de passeio até aos grandes centros em camião. — O gado que lhe disseram ir em camião, eram apenas algumas vitelas, pois qual meio de transporte para conduzir o gado adulto que aqui se vendeu?

Ia, caminho abaixo até Alvaredo, e conduzido, por gente desta e doutras freguesias, em manadas, estrada abaixo até Monção.

Esperei que o Senhor Miguel António viesse até cá no passado dia 18 para ver onde o gado se juntava. Não veio e assim deixou de ver que o mesmo se juntou às grades e porta do adro do nosso secular Convento, embora desta vez o mesmo não se prendesse às mesmas como de costume.

Também nos diz o Senhor Miguel António que em Paderne nunca se venderam produtos agrícolas, mesmo quando a feira do gado era na feira do gado!

Vejo que o Senhor deve ser muito novo para disso se não recordar.

Em Paderne, no largo da Corredoura, quando ali era a feira da gente como sempre por aqui lhe chamamos, havia à venda todos esses produtos que citei e além disso vinham também tendeiros que armavam as barracas no largo da Corredoura. Hoje de facto deixaram de se vender esses produtos e não vêm os tendeiros por ser ali a feira do gado, e que não imagina o Senhor Miguel António quanto prejuízo dá aos menos abastados que não levam o seu milho para o Grémio, nem os ovos para a Espanha.

Diz que o gado se prende às árvores que uns beneméritos Professores com seus alunos plantaram.

Se não fossem os seus sucessores que foram incansáveis na sua vigilância, julga que as mesmas passavam da meninice?

Puro engano.

Também diz que as crianças se vão à catequese não vão à escola. Aqui Senhor Miguel António, aqui e noutras freguesias próximas, os Rev. mos P. es e Professores estão de acordo e após as horas regulamentares da escola as crianças vão para a catequese.

Para irem tanto para uma como para outra é obrigação a passagem das crianças dos lugares de Barral, Graijão, Crasto, Cevidade, Gollães, Queirão, Aldeia, Penelos, Saínde, Estivadas e outros pela feira. Por onde queria o Senhor Miguel António que eles fossem?

Como sabe o Senhor Miguel António é costume o

(Continua na 4.ª pág.)

Inauguração duma linha ferroviária espanhola

de grande interesse para o Norte de Portugal

Vigo, 20 de Dezembro — A Galiza está mais perto de Madrid no primeiro trimestre do ano próximo, com a inauguração da linha do caminho de ferro de Orense a Zamora, que encurta a viagem, desde Vigo, em 159 quilómetros; des. de Santiago de Compostela, em 242; e desde a Corunha, em 95. A referida linha virá a interessar também parte do Norte de Portugal. — EFE.

Não há dúvida, *nuestros hermanos* de além rio, continuam a girar na mó de cima. Que pena nós — os minhotos — não podermos fazer outro tanto; em especial nós — os melgacenses — a quem o prolongamento da via férrea de Monção até aqui seria um benefício incalculável.

Por falta de espaço

Ainda hoje nos não é possível publicar todo o original recebido, como «Carta de Lisboa», e uma circular da Direcção Geral de Saúde, além do que ficou da semana passada.

A tipografia, onde se compõe o nosso jornal, não pode, devido à acumulação de serviço, compor 6 páginas, como desejávamos.

Já chegou o «Grilo» que, também, por falta de espaço, não canta desta vez.

Que todos nos perdoem.

O SONHO

Certo dia, quando cumprimentei pela primeira vez neste país um vizinho e amigo, conversamos quer um quer o outro, das belas notícias da nossa terra. Depois de tanto perguntar, disse-me ele: acabo de receber o jornal de Melgaço.

— Quê? Qual? .

(Continua na 4.ª pág.)

Cantinho dos nossos prezados assinantes

Esta secção criou entusiasmo, alvoroço, e a amizade entre os muitos elementos da grande Família de «A Voz de Melgaço» estreita-se cada vez mais.

São cartas de aplauso, vindas de longe, e de perto, São algumas surpresas, aliás desagradáveis (que «A Voz», por ex., faltou na última quinzena), é uma sugestão que se nos faz e são os pagamentos em dia.

O verdadeiro amigo de «A Voz», paga a sua assinatura adiantadamente. Como esta delicadeza nos ajuda!

O verdadeiro amigo faz propaganda e manda-nos mais assinantes. Aliás, isto é facilímo. Quem não tem um amigo, a quem fale do «nosso, jornal?

A todos os assinantes, pedimos encarecidamente que nos ajudem, mandando pagar as suas assinaturas. Pouparamos alguns milhares de escudos.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS: Janeiro

Os Senhores Capitão Alberto José Luís, João Rodrigues Sousa, Indalécio Rodrigues, Caetano Pires, José Joaquim de Albuquerque, António Manuel Gonçalves, Professor Manuel de Pinho Gonçalves, D. Ludovina Paços, Manuel Fernandes, António Maria Ferreira, João Esteves, Manuel Faria, António Dias Soares, D. Beatriz de Jesus M. Pinto, António de Araújo Soares, P. e José Custódio Domingues, Aníbal Pinheiro, Manuel Augusto Fernandes, Manuel da Rocha Passos, António M. Domingues, Abílio Domingues, Henrique Pinheiro, António Oliveira Domingues, D. Maria do Amaral Albuquerque. Do nosso sócio correspondente, em Prado, Sr. Valdemar Rodrigues Soares, recebemos a soma de 230\$00, para pagamento de vários assinantes. Do Sr. Hilário Rodrigues, 50\$00.

Correio de a Voz

De António de Ol. Domingues, Porto, uma carta:

«Aí lhes mando a conta do nosso querido jornal, símbolo da nossa Terra. Estou sempre à espera dele, para ler as notícias dos melhoramentos do nosso torrão natal. Quem via ontem Melgaço e quem o vê hoje! — Estradas novas, oferecendo-nos lindíssimas paisagens, igrejas novas, etc., etc.,»

— Obrigado, Oliveira. Manda-nos dizer a direcção dos teus amigos! E tu tens muitos. Valeu?

LUIZ ESTEVES, Paris. — O Luiz, tu tens imensa razão, mas, que queres?, o jornal vai para aí. E' que mandaste outra direcção. Agora vai aí direito, verás... Tens visto o Gerdal? Já está melhor das anjinas? — Entreguei 100\$00. Quando vem essas famosas «Cartas de Paris? Vamos! Tens ido a Longny — Queríamos a direcção de Longnyon.

Adeus. Luiz, «CHAMA, QUE RENASCE»,! Valen! ANTONIO FERNANDES, Algarve. — Obrigado, Fernandes. Aí vai o nosso jornal. Não te zangues!

Sabemos que és amigo, mas estas coisas levam tempo. Sobre o rapaz, manda procriação. Mas ele está a dar mau exemplo.

Põe-no no bom caminho. — Que pena aquilo!

Escreve, vamos. Que é feito do José Augusto? E do Araújo? — Dá-lhes saudades.

JOAQUIM MERIM. — Obrigado pela tua carta e votos de Ano Novo muito feliz.

Ainda recordo os teus carinhos e o carinho de todos os teus. Que bela manhã na vossa linda igreja! Como faz bem ver os nossos patrícios, cumprindo a lei de Deus! Saudades a todos. E obrigado pela prenda que mandaste.

DA VILA

Janeiro 26.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Na generalidade, continuam os melgacenses a beber a água em charcos, muitas vezes em comum com os animais, e quase sempre a dar topadas e trambolhões por esses caminhos além, há muito botados a um abandono inqualificável.

Já não queremos referir-nos às povoações rurais, que isso, de momento, está fóra do nosso âmbito, mas tão somente à freguesia desta Vila, cujas populações suburbanas, no tocante a caminhos e fontenários, estão péssimamente servidas.

Assim, por ex., os caminhos que das Carvalhiças vão para a Ponte Pedrinha, quer o que vai pelo Mascanho quer o que vai pelas Lages, bem como todos os de Galvão e outros que por descargo de consciência não mencionamos, pelo seu estado de conservação, envergonham uma geração; e, quanto a fontenários, os moradores do Louridal tem direito a serem dotados com um; *mutatis mutandis*, igual direito lhes assiste aos moradores do populoso lugar de Galvão, os quais, neste ponto, devem ser o povo mais sacrificado do concelho, por — mormente quando chove — terem de ir pelo precioso líquido do fundo do lugar à fonte dos Esparizos... é duro — é duro e é desumano!

Em conclusão, se há povo que necessite ser dotado com um fontenário, esse, é, pois, o sacrificado povo de Galvão, que há muito já, e ansiosamente, aguarda dos poderes públicos a dotação dum modesto fontenário, a construir no sítio dos Sobreiros, ali, na confluência dos três caminhos, de modo que fique a servir, equitativamente, Gregos e a Troianos, isto é: aos moradores daqui, do lugar propriamente dito, e aos das Várzeas. E o mesmo fontenário há-de ficar com seu tanque-reservatório adrede, pois se há um incêndio, por falta de água para o dominar, é vê-lo devorar até final — como aconteceu, há cerca de sessenta anos, à casa hoje pertencente ao sr. Cândido Esteves, cujo fogo apenas lhe deixou as paredes calcinadas.

CRISPINO

Não pode ser! — Dizem-nos — e, infelizmente, parece que é verdade — que a laureada Banda dos Bombeiros Voluntários deste concelho está novamente desorganizada. Não o queremos crer...

Então pode lá ser...! precisamente no momento em que estava a ser acarinhada e protegida por melgacenses da gema do Sr. Amadeu Abílio Lopes, a nossa Banda, por caprichos deste ou daquele, dum momento para o outro, assim fica desorganizada?!...

Não, não pode ser; e, porque não pode ser, confiadamente esperamos que o bom senso há-de voltar e triunfar sobre todos e quaisquer *arrufos* que tenham surgido; e, assim, a nossa gloriosa Banda continuará *ad majorem Melgacis gloriam* e gáudio espiritual dos melgacenses.

Falecimentos — Na tarde do pretérito dia 16, faleceu, quase repentinamente, na casa de sua residência, sita à rua da Calçada, a bondosa s.ra D. Maria Madalena Pereira, chorada esposa do nosso muito querido amigo sr. Manuel Pereira, considerado proprietário da "Pensão Pereira," que entre nós gosava da geral estima e simpatia.

A saudosa extinta, que era realmente a bondade personificada, nasceu em Vila Nova de Cerveira, em 27 de Abril de 1897, contando, portanto, 60 anos incompletos. Era filha da s.ra D. Rosa da Encarnação Pereira e de Alvaro Cândido Pereira, já falecido; casada com o sr. Manuel Pereira; mãe das meninas Maria da Encarnação, Maria Adelaide e Maria Fernanda Pereira; irmã-gêmea do considerado comerciante e proprietário desta Praça sr. José Maria Pereira, e cunhada das s.ras D. Modesta Calheiros Pereira e D. Rosa Hermínia Rodrigues Pereira.

O seu funeral, realizou-se pelas 17 horas do dia seguinte para o cemitério desta Vila, e, pela enorme multidão que nele se encorporou, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar e sentimento, tendo sido, pelo percurso, organizados vários turnos.

— Em Galvão, na casa de seu cunhado, sr. Aduzindo Táboas, também faleceu, pelas 19 horas do dia 19 do corrente, a s.ra Teresa de Sousa Cunha, de 54 anos, natural de Rouças, que era geralmente estimada e cujo funeral, que se realizou no dia seguinte, foi largamente concorrido.

— E, no dia 24, ainda que a soubessemos doente, fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia do falecimento da s.ra Mercês dos Prazeres Rodrigues, de 71 anos, esposa do nosso estimado amigo e probo distribuidor dos C.T.T. sr. Fernando Rodrigues Nabeiro; mãe da s.ra D. Maria Madalena Rodrigues Nabeiro Araújo e dos srs. João, José e António Rodrigues Nabeiro; e sogra das s.ras D.

Maria Igrejas Nabeiro, D. Aida Gomes Nabeiro e D. Maria Augusta Dantas da Silva Nabeiro e do sr. José Luís de Araújo.

Porque a saudosa extinta gozava da geral estima e simpatia, o seu funeral, que se realizou ontem, foi extraordinariamente concorrido.

As respectivas famílias enlutadas, aqui deixamos consignada a expressão sincera do nosso sentido pesar.

Aurora boreal — Pelas 23 horas do pretérito dia 21, foi aqui observado, no céu, um intenso clarão luminoso que no dizer das pessoas que o observaram — nós a essa hora dormíamos como um justo... — se assemelhava ao reflexo dum incêndio gigantesco; o qual, ao que nos asseveraram, chegou a causar surpresa e receio em certas pessoas menos cultas e de espírito mais fraco, que em todos os fenómenos celestes vêm o prenúncio de grandes desgraças.

Tratava-se duma *aurora boreal*, meteoros luminosos que não raras vezes aparecem no firmamento para as bandas do norte; e, cujo aspecto varia muito: ora apresentam a forma de arcos luminosos, que se conservam durante dias, ora mudam de forma instantaneamente, como no caso da aqui observada. Em todos os casos, este fenómeno relaciona-se com o magnetismo terrestre e influi na agulha magnética desnortheastando-a; mas só.

Conferência de S. Vicente de Paula — Como desde há dois anos a esta parte, um grupo de "vicentinos," desta Vila aproveitou esta quadra da Epifânia para, indo de porta-em-porta cantar os "Reis," angariar donativos, destinados a minorar dores e enxugar lágrimas dos desprotegidos da sorte.

Dizem-nos que por toda a parte — excepção feita a um ou outro unhas-de-fome — foram muito bem recebidos, e que o produto angariado foi de cerca de 2.000\$00, antes para mais do que para menos. Bem hajam!

Festa de S. Braz — E' já no próximo dia 3 de Fevereiro que na antiquíssima ermida da Orada — monumento nacional — se há-de realizar a costumada festividade em honra do glorioso bispo-mártir S. Brás, a qual, por ser domingo, e se o favorecer, promete estar muito concorrida.

Ao certo, ainda não sabemos qual a música que a há-de abrilhantar, mas diz-se que será uma das de Riba de Mouro, talvez a "Popular..."

O tempo e a agricultura — Mansamente, veio a chuva e com ela a amenização da temperatura. Já era tempo, pois o "tarô" estava a ser de muito respeito. Que vento glêido que soprou... Sufa!...

— Nos campos, as pastagens estão completamente tisanadas, mas devem beneficiar agora da chuva que cai.

— Aos interessados, lembramos que em Fevereiro podem semear: — aipo, agriões (fim do mês), alfaces para verão (*), alho-porro, beringelas (*), betarraba para salada, conves diversas (incluindo repolhos, mas excluindo conve-flor e bróculos), cenouras (fim do mês), cebolas, ervilhas, espinafres, favas, nabijas, pimentões (*), rabanetes, salsa e tomates (*). Também podem semear: — giestas, tojos e penico.

— Plantam-se: batatas, videiras e árvores de toda a espécie; continuam as podas e limpeza das videiras e árvores frutíferas e, pelo S. Matias (24) começam as enxertias.

— Nos centeais, favais, etc., procede-se à limpeza de ervas estranhas. Também devem limpar-se e desinfectar-se as pocilgas e capoeiras, dealhando-as bem por dentro com leite de cal, a que se junta algumas gotas de creolina, serviço que pode ser feito com um pulverizador de sulfatar as vinhas.

(*) — Em estufim.

Entrado borralheiro Páscoa ao soalheiro

Sulfato de cobre

Alemão e Inglês

Vendem, ao melhor preço do mercado

Maurício Macedo & C.a

Rua de S. João n.º 98

Telefone 23651/2

Porto

Parada do Monte, 10

Mais um ano que passa, mais um ano em cima de toda a Humanidade. Mais um ano que principia, e quantas surpresas nos esperam, no decorrer deste ano.

Festividade — No dia 6 realizou-se a festividade em honra do Menino Jesus. A festa foi abrilhantada pela Banda Popular de Riba de Mouro sendo pregador o sr. abade de Barbeita, que muito agradou. No fim da missa saiu uma imponente procissão que percorreu o itinerário do costume. No fim da missa foi arrematado um lindo ramo de valiosas prendas por a bonita quantia de 475\$00 escudos.

Relógio da torre — Temos a informar os nossos queridos leitores de que o Relógio da torre da nossa freguesia desta vez será um facto. Ou não metesse mãos à obra quem as meteu. Pois foi o nosso querido pároco, e por isso é que nós dizemos que desta vez o relógio na torre será um facto consumado. Pois ele que remodelou a casa da residência e a igreja, que só ficaram as paredes de pé, o resto foi tudo novo madeiras, pinturas, mão de obra, que andou por mais de cem contos sem auxílio nenhum do Estado, pois foi com o auxílio dos seus paroquianos, apenas que se realizou este grande milagre — se assim se pode chamar! Pois se não fosse o nosso querido Pároco, sr. P.e António Domingues, já a igreja teria caído e se fosse na hora do culto teríamos muitas vidas a lamentar.

Pois o nosso padre foi o primeiro a inscrever-se com mil escudos e consta-nos que já há muitas ofertas de cem escudos. Mas o relógio posto na torre, custa 30.000 escudos. O relógio custa 25.000 escudos, mas com todas as despesas posto na torre fica por trinta contos.

Nossos conterrâneos que estais no estrangeiro, não vos esqueçais que é um grande melhoramento para todos. Para quando é no tempo das regas não se tem que andar a perguntar a ninguém que hora é. Está relógio na torre que marca a hora certa. Quer se sair de noite com o carro? Lá está o relógio na torre para marcar a hora. Quer a cozinheira por o almoço ou o jantar, lá está o relógio para marcar a hora. Quer-se sair para pegar a carrreira em Pomares? Lá está o relógio para marcar a hora.

Enfim, é o melhor melhoramento que podíamos ter na freguesia. Portanto, pedimos aos nossos conterrâneos que estão no estrangeiro, que não se esqueçam de contribuir cada um dentro (Continua na 3.ª pag.)

Prado, 27

ORA EU... — UMA LIÇÃO QUE NÃO FOI APROVEITADA — OUTRAS NOTÍCIAS

Ora eu... que me considerava um verdadeiro ás na solução dos mais intrincados problemas de números e palavras cruzadas, bem como na decifração de enigmáticas charadas, não passo, afinal, dum ténue pirlampoquinho na matéria, pois ao ler, em o último número do nosso jornal, a "Carta de Lisboa" confesso que fiquei completamente embatucado, porquanto por tratos e mais tratos que tenha dado à minha pobre imaginação, catado e recatado com minúcia todos e os mais recônditos escaninhos da minha moleira, a rigor, não fui capaz de enxergar quem possa ser o sr. Manuel Costinha que a subscrive. Que ferro!

Ora... Costinha... Costinha, em Lisboa, apenas conheço o famoso actor teatral e cinematográfico deste nome; porém este, que eu saiba, nunca esteve em minha casa, nem tão pouco provou licor da minha lavra.

Mas, Manuel Costinha... *Eureka!* Achei, deve ser de Rouças, muito embora me pareça que aquele sobrenome é pseudónimo; e, se assim for, não pode ser outro que um tal Manuel G... a quem eu devo algumas grandes atenções, entre as quais, os "croquis" das pedras de armas da Casa do Fecho e da igreja da sua freguesia que ele tão proficua e gentilmente me dezenhou. *Eureka* ou não *eureka*...?

Pois Amigo Manuel — Costinha ou não — muito e muito obrigado pelos votos que faz pela minha pessoa, assim como também pelas amáveis referências que teve à minha descolorida e despretenciosa prosa; porém, quanto a este ponto, dir-lhe-ia que o meu bom Amigo me lê com os olhos da amizade, se o sr. o não soubesse melhor do que eu. Agora também eu lhe dou razão quando diz que *falo de tudo*. É verdade; mas olhe que quem muito fala e pouco sabe... de anno se gabe. E' o meu caso...

Amigo Manuel Costinha, de quando em vez e sempre que se lhe ofereça o ensino, vá-nos dando novas da Capital. Diga-nos, por ex., se os trabalhos da célebre ponte sobre o Tejo, que há-de ligar Lisboa com a outra margem, já vão muito adiantados, e se as tão decantadas obras da igreja de Santa Engrácia estão, finalmente, acabadas. E não se esqueça, quando vier a Melgaço, ainda que de fugida, de visitar o Mário para fazer as devidas honras ao tal delicioso licor. Valeu?... *

Em seu último número, noticiou "A Voz de Melgaço" o falecimento do sr. dr. Manuel Dias Moreira, médico municipal que foi deste concelho e com quem privei bastante.

Da honesta e irrepreensível vida particular do saudoso extinto, muitos casos — alguns de sabor um tanto ou quanto picaresco, por sinal — eu podia agora contar. Não é, porém, da sua vida íntima que neste momento desejo occupar-me, mas tão somente de uma prática que ele trouxe da sua terra, a qual se tivesse sido imitada e seguida pelos nossos lavradores não me parecer que a economia agrícola concelhia muito teria lucrado.

Pois, como ia dizendo... o sr. dr. Moreira, nas sentinas de sua casa, tinha uma avantajada dorna para aparar os respectivos dejectos. Uma vez cheia, e na altura própria, fazia-a transportar para umas leiras que possuía em Cortinhas e no Barral, regando com o conteúdo o milho e as demais novidades. Nos primeiros dias, as respectivas culturas mostravam-se amareladas, assim como que estranhando os benéficos efeitos da "receita"; passadas, porém, duas ou três semanas — sobretudo se adregasse chover — era vê-las pular, era vê-las desenvolver com uma pujança extraordinária. Com tal adubação, a vegetação das faladas leiras, pelo seu viço luxuriante e cor verde-campeche, bem como pela sua abundante frutificação, extremava-se entre as demais.

Este processo de adubação, tanto em uso lá para o Baixo Minho e Douro Litoral, por económico, prático e eficaz, podia e devia ser imitado e seguido pelos nossos lavradores, muito embora devesse ser regulamentado por postura que proibisse a sua aplicação em terrenos situados próximo das estradas e dos povoados, porquanto o pivete que resulta do mesmo... é de tombar.

Isto far-se-ia onde não há instalações higiénicas, e as nitreiras respectivas.

Como havia noticiado, realizou-se, aqui, no pretérito dia 15, a costumada festividade em honra do glorioso Abade Santo Amaro, a qual constou de missa cantada, sermão, pelo distinto orador rev. Abílio Mariz de Faria, muito digno Abade de Cristóval, e uma concorrida, mas

(Continua na 4.ª página)

NOVOS ASSINANTES

Deram-nos o prazer da assinatura mais os s.r.s José Augusto Alves, José Domingues, José Covelo, Armando Covelo, Augusto Araújo Esteves, Miguel José Fernandes, António Maria Ferreira, D. Maria da C. Silva Monteiro, Prof. António José de Abreu Gonçalves Pereira, António Fernandes, Luís Esteves, Eleutério dos Anjos Amorim, António Fernandes — para a França, Henrique Alves do Souto, Augusto Araújo Pires, António de Araújo, D. Carolina Gomes de Sousa, Damião Esteves, Luís Barreiros, António do Paço, Manuel António Rodrigues, José Augusto Cardoso Lourenço e D. Aida de Jesus Gonçalves.

Parada do Monte, 10

(Continuação da página 2)

das suas possibilidades com uma côzinha que poderá ser dirigida ao sr. P.e António Domingues. E Deus lhes pagará mais este sacrificio. Pois o proveito é para todos.

Nascimento — Deu à luz uma criança do sexo masculino a s.ra Rosa Esteves, esposa do sr. Manuel Pires, do lugar de Cortegada.

— Vindo de França, chegou há dias o sr. Manuel Rodrigues, e de Cascais o sr. José Rodrigues, que vieram em visita ao seu pai que se encontra doente.

O tempo e a agricultura — O dia 31 do mês passado mimoseou-nos com uma grande nevada. O ano velho não se quis despedir sem nos deixar aquela recordação. Continua a pôda das vides. Ultimamente choveu abundantemente, havendo agora bastantes águas para regar, havendo bastantes ervas para os gados.

— Têm se queixado alguns assinantes que não recebem "A Voz de Melgaço". Será da redacção?

De quem será a culpa?

IDEM, 25

Nascimentos — No dia 9 deu à luz uma criança do sexo masculino a s.ra Marcília Esteves, esposa do sr. Francisco Alves, do lugar da Aldeia Grande.

— Também deu à luz uma criança do sexo masculino a s.ra Albertina Esteves esposa do sr. José Pires, do lugar da Lagarteira.

O tempo — Tem feito um frio glacial. Tem geado à farta. O ano passado foi no Fevereiro que veio o frio mas este ano veio mais cedo. Pois segundo dizem os velhos, no dia 20 de Janeiro sobete ao outeiro se vires chover pôete a chorar, se vires trovejar pôete a cantar. E este ano, no dia 20, trovejou. — C.

Sociedade

Aniversários

FEZ anos — no dia 29 a s.ra D. Maria Júlia das Neves Pinheiro, esposa muito querida do nosso estimado amigo e assinante sr. Henrique Pinheiro, de Lourenço Marques.

FAZEM ANOS — hoje as meninas Laura Amélia Lima Peres, Palmira Rosa Alves e Rosa Vieites e o sr. João Alves; amanhã o sr. José Augusto Esteves; no dia 4 a s.ra D. Alice Fernandes Vaz e os srs. Justino Lourenço e Manuel Henrique Alves; no dia 8 o rev. Abade de Cossou, P.e António Esteves; no dia 9 o sr. José Rodrigues de Abreu; no dia 13 o sr. Augusto Gomes e a menina Teresa Sotto Mayor Martins Moreira; no dia 14 a s.ra D. Rosa de Carvalho Ribeiro, e no dia 15 a s.ra D. Violeta do Carmo Araújo.

CASAMENTO — Na igreja de S. João de Deus, da cidade de Lisboa, realizou-se, no pretérito dia 1 de Janeiro, o enlace matrimonial da gentil menina Elvira de Jesus Fernandes, natural de Várzea, freguesia de Paderne, com o sr. Alexandre Lopes, de Penso, proprietário duma frutaria na referida cidade.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, o sr. eng. Rui Manuel Pegado e sua Ex.ma Esposa, s.ra D. Maria Manuela Pegado, e, por parte do noivo, seus irmãos, menina Lecília de Jesus Lopes e sr. José Lopes.

Finda a cerimónia, no "Restaurante Alcoabaça", foi servido um finíssimo "copo de água" aos inúmeros convidados, após o que os noivos seguiram em viagem de núpcias através várias terras do País.

"A Voz de Melgaço" faz votos pelas felicidades do novo casal cristão.

NOTAS PESSOAIS — Chegado de França, está nesta Vila o nosso estimado amigo sr. José Alves de Melo.

— Também chegado da mesma nação, está na Boa Vista, Rouças, o sr. Esmeraldino Alberto de Araújo.

— A seu pedido, foi transferido de Porto Covo, Alentejo, para Vila Nova de Gaia, o nosso prezado assinante sr. António de Araújo, zeloso soldado da G. Fiscal.

CASAMENTO ELEGANTE — Na capela da Família Ranhada, do Peso, realizou-se na passada terça-feira, dia 29, o enlace matrimonial da prendada menina Judit do Vale Domingues Ranhada, com o sr. Dr. Joaquim Alves Moreira, que tem dirigido os serviços clínicos das Águas do Peso. Ao acto religioso, bem como ao almoço, assistiram muitos amigos da ilustre Família e do sr. Dr. Alves Moreira.

Aos brindes falaram os reverendos P.es Ferreira Pinto, Dr. António das Neves, Prior de Paderne, Carlos Vaz e os srs. Antídio e José Ranhada, tendo enaltecido as primorosas qualidades dos noivos.

O sr. Dr. Alves Moreira que é assistente do ilustre médico, Prof. Dr. Alvaro Rodrigues, parte brevemente para a América, em viagem de estudo.

Aos queridos amigos, os nossos parabéns e uma perenne lua de mel.

Necrologia

D. Cristina Pinto Fontes Gonçalves

Na sua residência da Ponte da Barca, faleceu com 78 anos de idade, a s.ra D. Cristina Pinto Fontes Gonçalves. A ilustre finada, que pertencia a uma das mais distintas famílias de Ponte de Lima, de onde era natural e foi aqui muito querida, pelo seu temperamento bondoso e esmolto, deixa viúvo o sr. Dr. Manuel Joaquim Gonçalves, médico benemérito, daquele concelho, e era mãe amantíssima das s.r.s D. Maria da Conceição, D. Alda e D. Odete Pinto Fontes Gonçalves, esta última residente em África e dos srs. Hernani e Aleixo Pinto Fontes Gonçalves, respectivamente gerente dos serviços externos da casa Jaime da Costa, L.da, do Porto e agente técnico de engenharia, ao serviço da mesma empresa.

A saudosa extinta era cunhada do rev. padre Firmino Gonçalves.

O funeral, que se realizou na igreja Matriz da Vila da Ponte da Barca, foi concorridíssimo, e nele tomaram parte numerosas pessoas do Porto, Braga, Viana e de todos os concelhos do Alto Minho.

A toda a família, e, em especial, ao nosso querido Amigo dr. Manuel Joaquim Gonçalves, filho de Melgaço, e ao seu irmão P.e Firmino Gonçalves, apresenta "A Voz de Melgaço" sentidas condolências.

POR SAN RITA

V. V. não imaginam o alvoroço desta boa gente, quando viu que o relógio de Santa Rita começava a funcionar. Até a petizada olhava, inquiria, sorria e não deixava os seus lugares. — Pois, graças a Deus, já está inaugurado mais um melhoramento neste mosteiro. (Parece-nos que vai ser mosteiro...) — Ficamos satisfeitos, com esta boa obra.

Agora vamos começar outras, já que há tanto a fazer. Está marcado para o começo do mês de Março, o início dos trabalhos do altar-mor e fórró de toda a igreja. Vão em andamento os portões e o arcaz. Esperamos que os pintores e douradores começarão a trabalhar exactamente em princípios de Maio. Porque a 10 de Junho, temos a inauguração. E logo vem. Nesta época, com o frio, mal se pode trabalhar ali.

Também os homens da estrada estão já a ver quando voltam a começar os seus trabalhos. Pouco falta, se Deus quiser.

O movimento em torno deste mosteiro continua a aumentar. Há dias, vimos aqui umas senhoras de Parada do Monte, que vieram rezar e agradecer a Santa Rita várias graças. De Urjaz, em Cubalhão, também aqui tem vindoromeiros. Da Vila, Prado, enfim de todo o concelho, aqui tem vindo devotos trazer as suas ofertas e as suas preces. Também aqui virá brevemente o sr. Abade de Cubalhão, com alguns paroquianos. Como agradecemos estas visitas!

Mas então que vai fazer-se em Santa Rita, uma vez terminadas as obras da igreja? — Esperamos em breve aqui um técnico que virá fazer o ante-projecto da nova Casa ou Pavilhão, a construir brevemente.

Vamos ver se damos realidade àquele feliz sonho do grande P.e Américo, à obra dos Calvários. Recolher os pobrezinhos, gastos pela idade, sem ninguém que os trate, e sobretudo aqueles que trazem em seus corpos mirrados pela dor, doenças incuráveis. Santa Rita deve ajudar esta obra. Ela é tão cristã! Deus permita que não falte coragem. Santa Rita, Essa é que não falta. É possível que outras obras venham: uma escola paroquial para os meninos dos lugares distantes; uma enfermagem permanente, com uma assistente social, aulas de corte e bordados para raparigas, ida para colónias de férias de crianças pobres, assistência médica, etc. Repetimos: Santa Rita há-de abençoar esta obra. Faz-se com Ela, com os olhos n'Elá. E vamos começar como com a igreja, praticamente, sem nada.

Os amigos, esses continuam a ajudar-nos: Do nosso estimado assinante sr. Hermínio Alberto Esteves, do Porto, mais 120\$00; da sr.a Maria Adelaide Marques, de Galvão, pelo seu marido que trabalha em França, 100\$00; da menina Sara Saldia Ferreira, de S. Gregório, mais 50\$00; Manuel dos Ramos Meleiro, que tanto estima o seu pároco, em França, e depois da generosa oferta de 10.000 francos, mais 50\$00; e do sr. Aníbal José Alves, de Cavaleiro Alvo, pelo bom resultado de uma inspecção, 50\$00.

Amigo, anda daí. Vem conosco! Já são horas de vir... — Como te esperamos. Vem!

As feiras em Paderne

(Continuação da 1.ª página)

Ex.mo Sub-delegado de Saúde mandar para as autoridades editais a recomendar que se evitem estrumeiras.

No coração da freguesia existir uma feira de gado, por muito que lá se aproveitasse para adubo das terras, lá ficava o cheiro pestilento, as moscas, etc.

Actualmente os Senhores Professores não têm tempo para andar à caça dos alunos faltosos pelo meio do gado.

Para os faltosos existe a lei, mas eu se tivesse pessoas de família em idade escolar deixaria de pagar a multa voluntariamente para em tribunal poder dizer o mal que nos faz a feira do gado no largo da Corredoura.

Ao Ex.mo Senhor Sub-delegado de Saúde e às restantes autoridades que superintendem no assunto fica o nosso parecer, não valendo mais a pena escrever pois contra factos deixa de haver argumentos. — (C.).

N. R. — Porque nesta correspondência e nas precedentes, de longa data, se afirma que o gado se junta às "grades e porta do adro", sendo, até, costume prendê-lo às mesmas, lembramos à Ex.ma Câmara que por decreto 20.985 a igreja de Paderne é monumento nacional, e que, se não é suficiente o respeito ao adro, deve a Ex.ma Autoridade verificar se se cumpre a lei que ordena seja considerada zona de protecção os 50 metros existentes em relação ao edificio.

A não ser que ultrapasse os 50 metros ou haja licença do Departamento Oficial.

No primeiro caso, se está na zona dos 50 metros, só com licença ali pode estar gado.

O SONHO

(Continuação da página 1)

— «Voz!»
— Depois de lhe passar a vista, disse-me que o guardasse, e depois o lia com mais paciência e vagar. Foi o que fiz!

Só pela noite fora, um sonho me bateu à porta e logo comecei com ele às voltas. Sonhei que este tão querido quizenário, descrevia noticiário de quase todo o concelho, menos de umas quantas freguesias. Eu procurava-as mas elas não apareciam. Que paixão a minha. Ora então eu não havia de encontrar a minha freguesia? Não foi possível. Com o mesmo sonho, escrevi imediatamente ao mui digno Director, pedindo providencias.

Não sei como tal carta saiu; só que o sonho assim mandou.

Inscrevi-me como assinante, mas o noticiário é sempre o mesmo. Castro, Fiães, Cristóval e várias freguesias, ficaram esquecidas. Só a vizinha freguesia de Paços e outras é que mostram o seu noticiário. Parabéns pois, senhores correspondentes. Julgo que escrever duas linhas, não rouba muito tempo. Então o que é feito do sr. correspondente de Castro Laboreiro? O Senhor Domingues de Fiães, e o Adelino Esteves da Adélcia, já não dizem nada? Tem vergonha? Ah!... e o nosso grande amigo António Marques de Cristóval, que é que faz também? O velho correspondente e amigo deste jornal? Digam algo, amigos; que nós estamos longe e é a maneira de melhor apreciar as vossas notícias.

Hoje como me encontro nesta terra, quero pela primeira vez descrever as minhas curtas páginas de letras mal descombinadas, palavras e pensamentos de um analfabeto Montanhês.

Um Cristóvalense

França, 16 de Janeiro de 1957

Calendários

Da Companhia Portuguesa de Seguros, «A SOCIAL», de Lisboa recebemos um lindo calendário de parede. Gratos.

As mais lindas rosas de Portugal

As mais famosas árvores de frutos



Arvores florissimas - Construção de Jardins e Parques

Consulte o nosso catalogo que é enviado grátis

Moreira da Silva e F.ª, L.ª

Rua D. Manuel II, 55 - PORTO

Prado, 27

(Continuação da 3.ª página)

"silenciosa" procissão (sem música...) que percorreu o itinerário do costume. E só.

— Chegado de França, está na Corredoura o nosso prezado amigo sr. José Ribeiro, filho.

— Do Porto, onde esteve em tratamento clínico, regressou o nosso velho amigo sr. António Gonçalves Perei (Tonecas).

— Também devem regressar da Capital, amanhã, a esta freguesia, o sr. António Soares, digno juiz de paz deste círculo e sua esposa, sr.a D. Maria Joaquina Alves Soares, da Serra.

— E para Lisboa, onde ela foi receber tratamento clínico, seguiram, hoje, o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel José Gomes de Sousa e sua esposa, sr.a D. Venância Delfina Gomes Calheiros de Sousa. — (C.).

Rouças, 27

Causaram verdadeiro sucesso as festas que as Irmãs, que dirigem a Enfermaria-Abriço de Eiró, realizaram, com as crianças da catequese e escola de Rouças, no salão paroquial da freguesia. Outras se preparam para os meses próximos e a petizada anda contentíssima.

— Com o novo relógio de Santa Rita, conta esta freguesia dois relógios de torre. Parece que a freguesia está deveras a progredir. — (C.).

EFEMÉRIDES

Em 2 de Fevereiro de 1776, foi admitido como irmão na Confraria das Almas de Prado Francisco Pinheiro Gomes, do Barral, então já residente em Várzea, na "Quinta da Torre", por a ter comprado, em Lisboa, em 3 de Maio de 1774 e por 2.900.000 reis, ao celeberrimo Cardeal da Cunha — D. João Cosme da Cunha e Távora, que assim se chamava de seu nome completo este porpurado.

Esta "Casa da Torre", quando aquele Francisco Pinheiro Gomes a comprou, fazia parte do acerbo de bens do extinto Mosteiro de Paderne; porém, anteriormente, a quem teria pertencido?... Eis uma questão que há muito anda a bailar-me na mente, sem que até ao presente lhe tenha podido responder.

Ostenta a mesma casa um brasão heráldico dos Barros — prova provada de que ela foi pertença duma família de igual apelido. Chegado, porém, a este ponto, nada mais adiante que satisfaça a minha desmedida curiosidade de inveterado coscubilhiero.

Ora, Barros... Barros, tenho conhecimento de várias personalidades melgacenses deste apelido, entre as quais o capitão António de Barros, que em 9 de Agosto de 1641, quando, conjuntamente com o capitão Afonso de Castro, guarneceu o Porto dos Cavaleiros (Porteiro, lugarejo castrejo, ali nas proximidades de Alcobaga), foi surpreendido por uma hoste inimiga com o efectivo de 2.000 peões e 300 cavaleiros, sendo constringido a retirar até ser socorrido pelo sargento-mor Simão Pita que de S. Gregório correu em seu auxílio. Seria este capitão da falada "Casa da Torre" de Várzea?...

— Em 4 de Fevereiro de 1838, tomaram posse os novos officiais da Confraria do Senhor da Vila: Caetano Maria de Abreu Mosqueira, José Luís Soares Calheiros, de Galvão, segundo creio, e José Manuel da Cunha, da Barbosa, respectivamente, juiz e mordomos. Sucederam ao morgado de Galvão, Diogo Manuel de Castro, juiz, e a João Correia dos Santos Lima e José Vaz, mordomos.

— Em 5 de Fevereiro de 1770, nasceu, na Casa de Galvão, aquele Diogo Manuel de Castro, filho do morgado da mesma Casa, Matias de Sousa e Castro Menezes e de sua mulher, D. Maria Sebastiana dos Passos Sarmento Puga y Quiñones. Pelo falecimento de seu irmão, o dr. António de Castro Sousa e Menezes Sarmento, morgado de Galvão, ocorrido em 10 de Fevereiro de 1828, assumiu a administração do dito morgadio. Casou na Casa do Rio do Porto com D. Maria Beliana de Abreu Cunha Araújo, filha do capitão-mor João António de Abreu Cunha Araújo e de D. Maria Luísa dos Reis, sua esposa, de quem teve uma filha única: — D. Ana Margarida de Sousa e Castro Menezes que por sua vez casando com Gaspar Pereira de Castro, de Fontoura, Valença, tiveram: — D. Maria Pia Pereira de Castro, Lopo Magno, Gabriel e Alberto Magno Pereira de Castro.

— Em 7 de Fevereiro de 1746, faleceu, em Chaviães, o rev. dr. Sebastião Soares Salgado, vigário que foi de Paços.

— Em 10 de Fevereiro de 1744, também morreu, na Vila, o rev. Bernardo Manuel Pereira da Rosa.

— E em 11 de Fevereiro de 1795, aquele dr. António de Castro Sousa e Menezes Sarmento foi despachado Juiz de Fora para a Vila da Praia, Ilha Terceira, para onde só embarcou em 12 de Novembro de 1797. — MÁRIO

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
E. JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Residência Paroquial — Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO XI

Melgaço 15 de Fevereiro de 1957

VISADO, PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 137

Estrada de Fiães

N. R. — Pela importância do assunto publicamos em fundo o extracto da última reunião da Câmara Municipal, onde o vereador Padre Manuel Lourenço, expôs sobre o assunto os trabalhos, sérios e aturados, que vem realizando desde 1946 o muito digno Abade de Fiães.

Nunca me manifestei em desacordo com o sr. Prof. Ascensão Afonso quanto ao problema da estrada de Fiães.

Lamento, somente, que tal Senhor como já o fez o Sr. Presidente, nas reuniões que teve com os reverendos párocos, regedores, e Juntas, pretenda do único augmento favorável em que se abona, tirar efeitos políticos e procurar desprestigiar o pároco da freguesia aos olhos dos seus paroquianos.

O projecto do Sr. Prof. Ascensão Afonso encarta a ligação entre os lugares do Rio e a sede do Concelho em 1 a 2 quilómetros no máximo, mas ignora todas as outras realidades.

Quando o Sr. Director dos S. de V. do Distrito de Viana do Castelo se deslocou a Fiães, na companhia do Sr. Prof. Pinho Gonçalves, que a pedido de Sua Excelência o Ministro do Interior, do Sr. Governador Civil, e das pessoas de maior representação no nosso concelho, se mantem na Vice-Presidência da Câmara, ficou assente que a estrada seguiria de Cavaleiros pela Cabana, Paço, Aguiçeira, Vila do Conde, Cadosa, Ladronqueira, Convento e daqui iria aos lugares de Soutomendo e Adedela.

Esta era também a opinião do Sr. Presidente da Junta de Fiães, conforme consta da sua exposição no «Notícias de Melgaço» de 10 de Junho de 1955.

O Senhor Prof. Ascensão Afonso não concorda com esse traçado. Barafusta contra ele.

É incorrecto, pois atinge as pessoas na sua dignidade e lança mão dos abalxos assinados, que Melgaço,

infelizmente, já conhece o que significam, quem os assina, e os meios como se conseguem as assinaturas.

Pretende que a estrada siga directamente da Aguiçeira para os lugares de Soutomendo e Adedela.

Como já dissemos, nunca discordamos dele.

Pafoce-nos, porém, que o outro projecto se aproxima mais das realidades.

É muito mais económico, ligar todos os lugares da freguesia à sua sede, onde se encontra o velho Convento, na mais curta distância e serviria melhor o turismo.

As estradas são feitas, principalmente, para circular em automóveis e para estes 1 ou 2 quilómetros a mais, pouco significa.

Os habitantes dos lugares do Rio para irem à Vila a pé, pouco lhes importa seguir o velho caminho até à Aguiçeira, onde encontram a estrada.

Se forem ou vierem de automóvel pouco lhes repugna olhar mais uma vez para o velho Convento...

Se quisessem, de automóvel, ir ao cemitério paroquial visitar os seus mortos ou assistir à missa do Convento, ficariam recompensados, com vantagem, da queles quilómetros, que andaram a mais, para irem à Vila.

Daqui resulta que o tal único augmento do Sr. Prof. Ascensão Afonso não pode ter aquele efeito que o mesmo Senhor, dele, pretende tirar...

Tudo se preparava para que a estrada de Fiães, na modalidade de Aguiçeira-Convento-Adedela, fosse uma realidade.

Surge, entretanto, por in-

fluência do Sr. Arcipreste e pároco de Rouças, a quem o Concelho muito deve, não só no campo religioso, mas também no campo temporal, a estrada dos Serviços-Florestais, por Rouças, Santa Rita, Convento.

Os serviços de Urbanização vem desaparecer a necessidade da estrada, anteriormente projectada e entendem que não se justifica gastar largas centenas de contos para dar duas estradas a uma freguesia, quando há muitas freguesias sem uma única estrada.

Vi, com pesar, que infra o sonho que alentava de ver construída uma estrada que, verdadeiramente servisse a freguesia de Fiães e pela qual me batí desde 1946, como vou provar:

Senhor Presidente do Concelho

Excelência:

Permita-me que Vos exponha o lastimoso estado da pequena freguesia de Fiães, (Concelho de Melgaço), de que sou pároco há pouco tempo — Vos faça um pedido.

Encontra-se esta freguesia situada em plena montanha entre Melgaço e Castro-Laboreiro, sem outras comunicações com a sede do Concelho que não sejam carreiros em péssimo estado por onde mal transitam os animais.

O povo desta terra é essencialmente agrícola, laborioso, honesto e amigo do Estado Novo de quem sois a alma (e Deus queira que O sejais por dilatados anos).

Existem aqui as reliquias de um convento dos mais importantes e antigos da nossa Pátria, cuja fundação remota ao século IX.

A igreja, obra de arte e beleza, é considerada Monumento Nacional, mas não sei para quê. Não tem recebido qualquer benefício de restauro ou conservação, apesar de bastante arruinada e ser a única memória que nos resta desse velho e célebre convento, tão rico em

(Continua na 2.ª pág.)

Câmara Municipal

EXTRACTO DA CAMARA MUNICIPAL EM REUNIAO DE 20-1-1957

Sob a presidência do Ex.ºmo Presidente, e assistência de vereadores senhores Padre Manuel Lourenço, e José Lobo Maia, substituto, no impedimento do senhor vereador prof. António Queirós, ausente por motivo de doença, realizou-se, na sala das sessões, no dia 20 a sessão ordinária, com o seguinte expediente:

Foi justificada a falta à sessão, do senhor vereador António Queirós, ausente, no Porto, aonde foi sujeito a uma operação.

— Pelo vereador Padre Manuel Lourenço foi apresentado o seguinte protesto:

Tendo o senhor Presidente convocado para reuniões, nesta Câmara, todas as freguesias do Concelho, representadas pelos seus párocos, regedores e juntas, lamenta-se que só tivesse sido aberta uma excepção para a freguesia de Fiães. Quanto a essa, não foi convidado o seu pároco, mas foi convidado ou pelo menos assistiu à respectiva reunião, pessoa que, embora sendo dela natural, ali não reside, nem nela é au-

(Continua na 3.ª página)

Cantinho dos nossos assinantes e ... outros assuntos

Antes de publicar a lista de novos assinantes, desejaríamos pedir aos nossos amigos que nos informassem acerca da melhor forma de manter crónicas de todas as colónias melgacenses, espalhadas por esse mundo fora.

Parece termos conseguido cronista bom de Lisboa, mas precisamos deles no Porto, em França, Brasil, Angola e Lourenço Marques, em suma onde haja melgacenses para dar notícias aos do continente e para estes saberem como eles honram a terra natal e as virtudes dos seus maiores. Sim, porque onde há um melgacense, aí está um homem digno, trabalhador, honrado, cujos braços são disputados a ouro nos diversos continentes.

Tem agora a palavra os nossos amigos de longe. PAGARAM A ASSINATURA

Entre outros, tiveram a bondade de pagar a assinatura os srs. Armando das Neves Soares, António de Araújo, Aníbal Amadeu Pinheiro, D. Beatriz Mendes Pinto, Luís Gonzaga de Araújo, P. Firmino Gonçalves, Manuel A. Gonçalves, Cláudio de Sousa Lobato, D. Albertina Domingues, José Simplício Moreira, Joaquim Afonso de Brito, Abílio Domingues, António Dias Soares, Armando das Neves Soares, Henrique Pinheiro, Manuel José Gomes de Sousa, Joaquim José Guimarães da Costa, Tibério Correia de Sousa, Augusto Domingues e José Maker Gonçalves, este com 40\$00.

E vamos aos novos assinantes!

Inscreveram-se como novos assinantes, entre outros, os srs. Dr. Artur Anselmo, Manuel José Pinto, Guarda da P.S.P., D. Maria da C. Solha Monteiro, Augusto Araújo Esteves G. F. e Manuel Molina (França).

Vamos, amigos, passem palavra. Os que aqui ficamos no concelho e em Portugal desejamos saber notícias vossas, os que trabalhais fora, no estrangeiro e as diversas colónias de melgacenses do país só tem a lucrar pondo-nos ao corrente da sua vida, já que todos nós somos demais para levantar bem alto o nome da nossa terra.

Valeu?

E obrigado a todos, especialmente ao assinante benemerito, sr. José Maker, que nos enviou 40\$00 pela assinatura anual.

Estrada de Fiães

(Continuação da 1.ª página de 1947, se não estou em erro.

Prventura para não é mo- fins do século XVII era isen- ta de jurisdição do Arce- bispo de Braga, isenção esta que atingia também dois lu- gares junto da fronteira, dentro da Diocese de Tuy, pertencentes eclesiasticamen- te a esta freguesia, até me- dos do século XIX.

Excéllencia: Vêde o supremo ultraje à memória dos velhos Mon- ges que desbravaram estes montes: há cerca de dois anos foram feitas obras pa- ra animais nas ruínas do an- tigo casarão de que só res- tam panos de paredes des- manteladas, pois que este convento foi vendido a fe- talho após a expulsão dos fiães por não haver pre- tendentes para tamanho pré- dio em tão inóspitas para- gens. A telha, madeiras gra- deamentos de ferro, as por- tas etc., tudo foi disperso.

Do claustro arqueológico, apenas restam arcos trans- plantados para alpendres de lavoura.

Junto de Vós venho pe- dir atenção para este local de tradições históricas e re- ligiosas.

Não Vos peço muito. Uma estrada, mesmo de ter esta classe, que ligue esta terra à sede do Concelho, facilitando o acesso a este local a quantos o pretendam visitar em razão do seu va- lor histórico e o restauro e conservação do que ainda se pode aproveitar do mila- rário convento ou mosteiro de Santa Maria de Fiães.

Tendo a certeza de que se- rei atendido, confio em Vós e entrego-Vos o meu pedido.

Deus Vos guarde e pro- teja por unidos e largos anos.

Fiães, 17 de Maio de 1940
Padre Manuel Lourenço

Resposta:

—S. R.—

Presidência do Conselho
(Gabinete do Presidente)
Lisboa, 23 de Maio de 1940
Ex.mo Senhor
Padre Manuel Lourenço
Fiães—Melgaço

Em referência à carta que, em 21-5-46 dirigiu a Sua Excelência o Presidente do Conselho, à qual foi presta- da a melhor atenção, infor- mo-o de que foi, na presen- te data, dado conhecimento da sua pretensão ao Minis- tério das Obras Públicas.

Atenciosamente
Pelo secretário
Carlos Pacheco

Desta exposição, resultou o ter sido mandado pela Direcção dos M. Nacionais, um arquitecto, que chegou a Fiães em 2 de Setembro

de 1947, se não estou em erro. Ali esteve três dias, a tra- balhar, juntamente comigo e com um membro da Corpo- ração Fabriqueira, tendo-se hospedado em minha casa.

Soubemos em Lisboa, em Mar- ço de 1955, por intermédio do Sr. Director Geral dos M. Nacionais, que se es- tavia a trabalhar com todo o afinco, no projecto de res- tauração do respectivo Con- vento (Igreja paroquial).

Em 1952, mandei a se- guinte exposição:
Senhor Presidente do Conselho

Excéllencia: Volyidos cinco anos, sou- bre uma petição-exposição que fiz a V. Ex.a acêrca da necessidade de restauração do Convento (Igreja paro- quial) e construção de uma estrada, ainda que de ter- ceira, que ligue esta infeliz freguesia com a sede do Concelho, Vila de Melgaço, distância esta de cinco qui- lómetros, sem que daí re- sultasse bem algum, permi- ta que, novamente, venha lembrar esse pedido, justo e urgente.

Bem sei que a atenção de V. Ex.a, neste momento, está preocupada com assun- tos mais importantes para os destinos da Pátria, mas isso não impede que se po- nha à margem este pedido: sei ainda que os orçamentos do Estado estão sobrecarregados com enormes despe- sas obrigatórias, mas tam- bém sei que isto em nada afectaria o seu equilíbrio.

Excéllencia: De forma alguma queo que veja, nas minhas pala- vras sentimento algum, pois sempre fui e seerei um devotado admirador do Esta- do Novo cuja alma é V. Ex.a mas sim o lamento de uma pessoa que exprime os sen- timentos unânimes desta in- feliz freguesia a cujos des- tinos espirituais presido.

Gostaria que esta fregue- sia que está situada no ex- remo norte de Portugal e ainda, não recebeu nada do Estado Novo, lhe ficasse de- vedora destes benefícios, que são como disse justos e ur- gentes.

Por tanto, renovando este pedido, feito há cinco anos, ao qual prestou a melhor atenção, novamente o depo- nho nas Vossas Mãos, na certeza, porém, de ser aten- dido.

Deus guarde e proteja V. Ex.a por muitos anos.
Fiães—Melgaço, 15 de Mar- ço de 1952.

Desta exposição não re- cebi resposta.

Em 1953, a 31 de Janeiro, fiz seguir novamente para

a Presidência do Conselho o seguinte:

Senhor Presidente do Conselho
Excéllencia:

Tendo sido mandada uma exposição a V. Ex.a, da- tada de 15 de Março de 1952 e davidando que não tivesse chegado às mãos de V. Ex.a, permita que, no- vamente o faça, transcrever do integralmente a referida exposição.

(Transcreverá integralmen- te...)

Em Março de 1953 recebi a seguinte comunicação:

Ministério das Ob. Púb- licas
Direcção dos serviços de melhoramentos Rurais—
Repartição de melhora- mentos rurais.

Padre Manuel Lourenço
Fiães—Melgaço

Em referência à exposição de V. Ex.a datada de 31 de Janeiro p. p. dirigida a Sua Excelência o Presidente do Conselho, tenho a honra de comunicar a V. Ex.a que se considera a via pre- tendida de grande utilida- de e mesmo de urgência.

Porém, não deu ainda en- trada nestes Serviços qual- quer projecto que lhe diga respeito.

Para que os trabalhos pos- sam ser executados com a comparticipação do Estado, ao abrigo dos Decretos N.º 21.696 de 19/IX/32 e N.º 29.097 de 5/2/53, deverá apresentar-se uma entidade idónea que assum a res- ponsabilidade dos mesmos e promova a elaboração do respectivo projecto. Essa En- tidade será um Corpo Ad- ministrativo, podendo tam- bém ser uma comissão de Habitantes ou proprietários da região.

Uma vez que a obra seja incluída em Plano anual de Melhoramentos Rurais, po- derá Sua Excelência o Mi- nistro das Obras Públicas, conceder a comparticipação do Estado no valor de 75% do orçamento total da obra subordinando-se a entidade comparticipada, durante a execução dos trabalhos, às condições impostas pela res- pectiva portaria.

A Bem da Nação

Lisboa, Direcção Geral dos Serviços de Urbanização em 4 de Março de 1953.

Pelo Engenheiro Director Geral

(ilegível)

Se durante (mais de 10 anos de trabalhos, com pedi- dos, exposições, deslocações

Crónica de Paços

Apontamentos dispersos

Quando nos preocupamos em conhecer se avançamos ou retrocedemos nas nossas actividades, nada há mais elucidativo do que, de tem- pos a tempos, balancearmos a nossa acção nas relações exteriores e a nossa produ- ção moral e psicológica.

Da análise pessoal suba- mos ao conjunto dos homens sempre apoiado numa força dirigente.

Paços tem progredido ou retrocedido?

Parou. Sim. Cristalizou precocemente na mais insignificante fórmula da sua existência. Esqueceu o valor do es- forço conjunto, único cami- nho para a vitória colecti- va, caindo na mais completa despersonalização.

A despersonalização tráz consigo consequências desastrosas para a vitalidade de qual- quer agregado social. Sem dúvida, encaminha ao desin- teresse e instiga ao egoísmo individual, causas dominan- tes no desaparecimento do espírito colectivo.

Esta desagregação moral e volitiva arrasta a um sem número de pequenas conse- quências que prejudicam es- sencialmente a harmonia pro- gressiva no meio onde se de- senvolve.

Daí vem a acitação in- contestável de determinações pessoais, que nem sempre vem resolver um momento difícil.

Após esta fase decadente, nada mais resta do que pa- rar na coordenada crucial de tudo o que tende a acabar.

Porventura parar não é morrer?

Nesta luta vertiginosa da vida hodierna o que deixa de

a Viana do Castelo e até a Lisboa, nada conseguimos convenco-me de que muito menos o conseguiremos ago- ra que desapareceu aquele impressionante argume- to que Fiães não tinha uma es- trada.

Foi essa realidade que me fez desanimar e que me fez tratar na reunião de 5 de Janeiro, desta Câmara o es- tudo do Ramal do Convento-Adedela, para assim, con- seguir a ligação do Rio à sede do Concelho.

A solução, sem dúvida, que

é má. Seguirá cheio de boa fé, convencido de que melho- res vantagens não conseguiria para o bom povo de Fiães, a quem, finalmente devo esta explicação.

P.e Lourenço

lutar um só momento será atropelado mortalmente pelo mais forte e absorvido na poeira anónima da medio- cridade.

Paços também parou e ao parar sepultou as suas for- ças activas num mutismo, fa- tal para a sua existência.

Daqui se explica a insol- vência dos seus problemas vitais que, os de ontem sen- do os de hoje, continuam in- solúveis.

O estado dos caminhos é assustador.

A salubridade das fontes está muito longe de se con- siderar resolvida. Sendo um ponto a que se deve dedicat especial atenção, mal que em toda a parte se tem pro- curado sanar, é aqui relegado para último plano. Inclusi- vamente a fonte mais re- cente foi construída à mar- gem e abaixo do nível da faixa de rodagem duma es- trada térrea. Isto é um desa- fio à higiene.

E o que diríamos dessa plantação na avenida Mere- lhe?

E' a mais deplorável que se tem cometido e autoriza- do.

Não exageramos, visto que são factos observáveis, per- tencentes ao domínio público e, como tais, podem e devem ser criticados, desde que se visse um fim construtivo. Con- tra os factos não valem ar- gumentos.

Não incidimos a responsa- bilidade sobre este ou aque- le, pois tudo isso é o resul- tado de muitos actos filiados em muitas opiniões e vontades.

Mas, fundamentalmente, todos temos uma quota parte na penitência desses erros, porque não soubemos man- ter uma opinião inabalavel, porque não soubemos fazer imperar a nossa vontade e, acima de tudo, porque não revelamos o amor que devo- mos à nossa terra, origem da solidariedade fraternal.

Se assim tivessemos pro- cedido, há muito que a re- sidência paroquial tinha si- do entregue.

Mas, quando a voz e acção do Sr. Adriano Augusto Gomes sobressairam para ele- var Paços ao nível a que tem jus, não faltaram os «contra» a dificultarem a sua nobre tarefa que teria con- seguido, se a morte o não tivesse surpreendido.

E' bem certo o axioma fi- losófico: consciencializar, pa- ra depois construir.

Ansiló

Uma circular que interessa à nossa lavoura

Tendo de introduzir-se algumas alterações ao *Regulamento de Milho*, aliás aconselhadas pelo estado em que o cereal ainda se encontra, e também porque na abertura dos celeiros surgiram reclamações que só a não observância das condições fixadas na nossa circular N.º 1/57 de 2 do corrente podiam provocar, rogamos a V.ª Rev.ª o favor de tornar pública e esclarecimento que segue.

Agradecendo a preciosa colaboração de V.ª Rev.ª, apresentamos os nossos mais atenciosos cumprimentos, A Bem da Nação

A Direcção

do Grémio da Lavoura de Monção

ESCLARECIMENTO

Conforme a nossa circular N.º 1/57 de 2 do corrente, foram abertos os celeiros nas datas na mesma indicadas, ficando a funcionar nos dias a que a citada circular faz referência, ou seja:

- Monção (Sede do Grémio) às Segundas-feiras.
 - Quinta da Brejoeira, às Terças-feiras.
 - Valença, às Quartas-feiras.
 - Melgaço, às Quintas-feiras.
- Como porém no dia da abertura, em Monção, os produtores que se apresentaram

a fazer entregas não traziam o milho nas condições e pressas na nossa circular N.º 1, sofreram o aborrecimento de os verem rejeitados.

Admitimos que não tenham vindo entregar os milhos desatendendo deliberadamente o pedido e os esclarecimentos contidos na circular em referência, mas sim porque em sua convicção o cereal estava sêco. Mas do procedimento surgiram reclamações injustificadas, pois que na Circular N.º 1/57 se indicaram da maneira clara e precisa as «condições de recebimento de Milho» que a seguir se transcrevem:

1.º — Só serão recebidos os milhos quando bem sêcos, sem cheiro ou gosto, limpos e não contendo grãos furados. São estas as condições a que a F. N. P. T. obriga, e por isso se pede já todos os Senhores lavradores que as tomem em consideração, para evitar aborrecimentos de que nos não cabe culpa alguma, depois deste esclarecimento.

2.º — Quando os Senhores produtores não possam entregar os milhos nas datas que lhes forem indicadas, por os não terem nas condições do N.º 1, ou por não terem possibilidade do seu transporte aos Celeiros, deverão aguardar nova chamada.

3.º — O milho será pago a: 2816 no mês de Janeiro. 2819 de 1 de Fevereiro a 31 de Maio.

Assim, a alegação feita por alguns reclamantes, de que «tinham vindo ao celeiro porque a convocação era uma intimação», é, como se vê, descabida e injusta.

Em vista pois do que aconteceu no primeiro dia de recebimento de milhos e das condições impróprias em que para já os mesmos se encontram, de futuro, passará a condicionar-se o recebimento do cereal de acordo com as normas que seguem:

1.º — Não voltarão a convocar-se os produtores para entrega do milho inscrito.

2.º — A entrega fica dependente dos próprios produtores, que terão de vir ao Grémio da Lavoura combinar o dia em que o podem fazer, depois de verificarem que o cereal não tem mais de 15 de humidade, para o que deverão trazer uma amostra tirada do lote.

3.º — A ordem da inscrição deixa assim de vigorar para efeito da entrega, por a entrada do cereal no celeiro ter de depender do seu estado de securra.

E para terminar, repete-se a informação de que a Federação Nacional dos Produtores de Trigo só recebe milhos dos produtores, e não dos comerciantes.

A Bem da Nação

A Direcção

Paços

Janeiro, 25.

(Atrasada)

Casamentos — No pretérito dia 17 realizou-se na Igreja paroquial desta freguesia, o enlace matrimonial do sr. Jaime A. Mendes, filho de Gaspar A. Mendes, e de Júlia Crespim, com a menina Alzira Rodrigues, filha dos srs. António Rodrigues e da s.ra Maria Rodrigues.

Aos noivos que são dotados de boas qualidades desejamos muitas felicidades.

— Também se realizou no pretérito dia 20 na Igreja desta freguesia, o enlace matrimonial do sr. Manuel António Alves, filho de Manuel V. Alves, já falecido, e de Alexandrina Rosa Pires, do Govendo, com a prezada menina Rufina Lopes, filha de António Lopes e de Emelinda Malheiro, do lugar de Merelhe.

Foram padrinhos o sr. Alberto José Luís, capitão aposentado e sua senhora. Aos noivos que são dotados das melhores qualidades desejamos um lar muito venturoso e as felicidades de que são dignos.

Falecimentos — Faleceu há dias no lugar das Vinhas desta freguesia a s.ra Adelina Esteves. A família enlutada as nossas condolências.

Atenção Sr. Presidente da Junta — Porque é que se não requisita uma zona para a paragem das carreiras, nesta localidade?... Os da Portela do Couto já têm!...

Aniversário — Festeja no próximo dia 27 deste mês o seu aniversário natalício, o menino Fernando António do Souto Alves, filho muito querido do sr. António Mário Felix Alves e de Maria Alice do Souto Alves, do lugar do Outeiro. Por esta festiva data vai ser muito felicitado, por sua família e padrinhos.

— Foi no passado dia 21 que se realizou na Igreja desta freguesia, o 1.º aniversário da morte do sr. Carlos José do Souto. Que repouse na paz do Senhor. — C.

Alvaredo, 10

Fevereiro 10:

Melhoramentos públicos — Depois de ter solicitado autorização da Direcção das Estradas, o Senhor Presidente da Junta da freguesia levou avante a reparação de uma parte do caminho que conduz da E. N. ao Barbeito, principalmente no seu início ou seja junto da casa pertencente à família Reina.

Para o mesmo fim colaboraram todos os herdeiros não só com material, mas também com trabalho e de um modo especial o Sr. Manuel Alves, Luís Alves Sanches, Carlos Pereira de Sousa, etc.

Para todos aqui fica o nosso mais profundo agradecimento, bem como de todos aqueles que pelo mesmo transitam. E' pena que a sua reparação não vá até ao fim; mas em virtude da falta de material monetário, aguardamos melhores dias.

Casamentos — Realizou-se no passado dia 7 de Janeiro o enlace matrimonial da menina Ilda de Araújo Rodrigues com o Senhor Carlos de Lima, natural da freguesia de Penso.

Antes de realizada a cerimónia o Reverendo Pároco fez-lhe uma brilhante alocução na qual salientou que deviam constituir um lar modelo, tão necessários à humanidade corrompida dos tempos presentes.

Depois de realizada a cerimónia foi servido um lauto almoço em casa da noiva.

Apadrinharam o acto a Sr.ª D. Isaura Bernardes Teixeira e o Senhor António dos Anjos Fernandes.

Um lar muito venturoso e repleto de felicidades é o que nós desejamos.

Chegadas — Tivemos a honra de cumprimentar vindos de Lisboa a Sr.ª D. Maria de Sousa Lobato e seu marido Boaventura José Meleiro.

Tempo — Tem-se sentido ultimamente grandes chuvas as quais aumentaram muito o caudal do rio.

Bom é que assim suceda não só para a lavoura como também para a pesca da saborosa lampreia. — C.

Fiães

Depois de grande estiagem, veio a chuva a qual trouxe alegria aos lavradores, pois se assim não fosse não tinham que dar aos animais.

Casamentos — Uniram-se em matrimónio, na Capela do S. C. de Jesus, Adedela, os Senhores Manuel Esteves, de 17 anos, com Alzira Augusta Domingues, de 19 anos, do lugar de Soutomendo; e António Matias de Araújo; guarda-fiscal, de 28 anos, com Eva Rodrigues, da Balsada;

Aos recém-casados, que são dotados das melhores qualidades desejamos-lhe um lar muito feliz. — C.

Câmara Municipal

(Continuação da 1.ª página)

toridade. Em face disto, só me resta lavar o meu protesto, não só pelos factos apontados, mas ainda por o pároco de Fiães ser vereador efectivo desta Câmara.. Acerca deste assunto, o Ex.ºmo Presidente, disse:

— «Não houve da parte do Presidente da Câmara a intenção de melindrar o Reverendíssimo pároco de Fiães e se não fez a sua Reverendíssima o convite a que o protesto alude, foi pelo facto, precisamente, de ele ser vereador desta Câmara e, para esses, ela estar sempre aberta a fim de que, tomando o conhecimento dos assuntos tratados ou a tratar, os ajudem a esclarecer e a resolver sempre que assim o desejem..»

— Pelo Sr. Presidente foi dito que estava ali, para dar solução, visto ter ficado para estudo, na reunião anterior, o projecto da estrada para S. Paio (igreja), e sobre o assunto fez várias considerações. Foi aprovado, por unanimidade, a Câmara tomar a seu encargo a sua realização.

Sobre este assunto pelo vereador Padre Manuel Lourenço, foi dito:

1.º — A Câmara não pode, para já, assumir o compromisso da construção por esta obra não estar no plano de actividade aprovado pelo Conselho Municipal. 2.º — Estou plenamente de acordo em que as estradas são necessárias para a vida e progresso duma freguesia. Por isso, não posso opor-me à construção dessa estrada, mas oponho-me e opor-me-ei, terminantemente, a que ela tenha primazia sobre outras já estudadas ou em estudo e que já foram prometidas às respectivas populações, como sejam: estrada de Couso e Cubalhão; empedramento das de Chaviães e Paços e a construção da de Fiães..»

— Foram lidos vários officios, dentre os quais um do Senhor Conservador do Registo Civil e Predial, no qual pedia para transferir para o local aonde se encontra o cartório Notarial, a Conservatória do Registo Predial. Teve o seguinte despacho: Indeferido por extemporâneo.

Finalmente, foram aprovados vários pagamentos.

EXTRACTO DA REUNIÃO DE 5-II-957

Sob a presidência do Ex.ºmo Presidente e assistência dos senhores vereadores Padre Manuel Lourenço e José Lobo Maia, este, substituído do vereador prof. António Queirós, realizou-se na sala das sessões a reunião ordinária desta Câmara, tendo o seguinte expediente:

— Uma carta do vereador sr. prof. António Queirós, justificando a sua falta. Dada como justificada.

— Foi apresentado um abaixo assinado, dos habitantes dos lugares de Rio, freguesia de Fiães, para que seja levada à Adedela, e podendo ser até Alcoaça uma estrada, pela Agueira, visto não ser viável a outra em estudo por esta Câmara, segundo o parecer dos Serviços de Urbanização de Lisboa.

— Foram lidos vários officios e aprovados vários pagamentos.

Sobre o assunto o vereador padre Manuel Lourenço leu para a acta o que publicamos em fundo.

Prado, 10

DO MAL O MENOS...

A muitos poderá talvez parecer estranho que eu aborde aqui o caso das feiras de Paderne; o assunto, porém, é do interesse de Melgaço, o que tanto basta para que o seja também meu. Posto isto, e antes de ir mais além, quero já dizer que muito me penaliza por não poder estar inteiramente de acordo com o modo de ver do meu illustre Confrade de Paderne, nem tão pouco com o do sr. Miguel António; mas esta minha divergência tem a sua razão de ser, porquanto se filia naquele estafado estribilho que diz: — *cada cabeça cada sentença.*

Ora... por mim, entendo que, a rigor, se não pode considerar um sacrilégio a realização desta ou daquela feira junto a esta ou aquela igreja, desde que as mesmas estejam devidamente resguardadas por seu adro, devidamente fechado, como acontece com a de Paderne. De resto, por muito religiosos que sejamos não o somos mais — nem tanto — do que os nossos antepassados do século XVIII, pois conhecidas são as diligências feitas pelos frades de Fiães para conseguirem uma feira de gado mensal *junto aos muros do seu convento*, graça que lhes foi concedida, por alvará régio em 1748.

Podem, também, os padernenses morrer no dia em que lhes aprouver, que não serão as ditas feiras que lhes embargarão o passo para a cova, porquanto em Paderne, como na quase totalidade das freguesias do concelho — salvo raras excepções — os enterros fazem-se da parte da manhã, por volta das 10 horas, e as mesmas feiras têm início, quando muito cedo, cerca do meio dia. Assim como também não será por motivo das feiras que as crianças deixarão de aprender a ler e a doutrina cristã; que eu, no meu tempo — já lá vão bons trinta e cinco anos... — antes de ir à escola ou à igreja, fartava-me de deambular pelas saudosas feiras que nos dias 9 e 24 de cada mês se realizavam em Melgaço, namorando perdidamente todos os bonecos e bujângas que os tendeiros expunham, e... — graças a Deus — aprendi a doutrina cristã, a ler, escrever e contar, sufficientemente. Logo, portanto...

Mas, seja como for, o local onde as feiras de Paderne se realizam tem seus inconvenientes, e um deles é o apontado pelo solícito Correspondente daquela freguesia: — a grande cópia de imundície que ao fim de cada uma ali fica. Efectivamente, fui a Paderne, em Outubro do ano findo, três ou quatro dias depois da feira dos 18, e... o "tabú", resultante da urina e do excremento dos animais... era de tombar. Isto, como disse, em Outubro, e com o tempo fresco... o que não será no verão...?!

Em conclusão, as feiras de Paderne, no local em que se realizam, têm, pois, seus inconvenientes; mas como remediá-los...?

Acabar com elas...?

Não! que aquelas feiras são das coisas boas que tem Melgaço.

Mudá-las... e para onde...?

A não ser que se adquirisse por expropriação ou por qualquer outro meio um campo ali, nas proximidades da estrada... o que importaria nuns 80 contos... podiam mudar-se para o antigo local, para Crastos, mas... — entendamo-nos — só depois de se ter gasto, aqui, na urbanização do local, uma coisa assim como cem contos, para terraplanagem, com muros de suporte, em forma de terraços; arborização; construção de um alpendre-abrigo com sua asa de ferro e coberto a lusalite; arranjo do caminho daqui até Ferreiros, etc. etc.. E olhem que numa freguesia onde anualmente se costuma gastar mais duma dúzia de contos em músicas, foguetes, luminárias, etc., etc. e etc., esta importância é irrisória. A não ser assim, e salvo o devido respeito por melhor opinião, deixem estar as feiras onde estão, pois lá diz a sabedoria: — *do mal o menos.*

* * *

Com tempo bastante bom, realizaram, no pretérito dia 2, os nossos vizinhos remoanenses a sua festa maior — a costumada festividade em honra de N. Senhora das Candéias, que constou de missa cantada, sermão, pelo nosso rev. Arcipreste concelhio, e procissão. E mais não houve, porque o "pano" não deu para mangas... perdão, não deu para música.

— Quanto a notícias cá do burgo, para já, não sei de nenhuma digna de nota, com o que os meus prezados comparoquianos ausentes muito se devem congratular, pois como muito bem dizem os franceses: — *pas de nouvelles, b'unes nouvelles.* Ora, pois! — (C).

Os caminhos de Alvarêdo

A minha interferência num assunto que talvez me não diga respeito, só tem de significativo o facto de eu ser um paroquiano de Alvarêdo, e provo assim, que embora ausente, não me mantenho alheio ao que vai decorrendo na minha terra natal.

Ao caso a que me vou referir, temos a salientar o facto de não ser eu o primeiro a tocar em tal assunto, pois já tenho visto brilhar nas páginas de alguns periódicos da nossa terra artigos com idêntico fundamento:

Trata-se exactamente dos caminhos da nossa terra, e como eu sou de Alvarêdo, é claríssimo, e mesmo justificável, que estas minúsculas palavras recaiam sobre os caminhos desta. E' ou não uma linda freguesia da nossa florida terra? Qual o motivo por que os caminhos que a serpenteiam não concorrem para o seu embelezamento?

Quem se desloca a freguesias circunvizinhas, principalmente a algumas bem próximas, não vê tanta miséria em caminhos principais como se vê na nossa. Em creio saber o motivo porque as ditas freguesias tem caminhos que superam os da nossa.

Estas palavras podem ser consideradas como uma espécie de revolta contra as pessoas categoriz das da nossa Alvarêdo, mas haverá gente com categoria em Alvarêdo?

Talvez, e é instigante para a nobreza desta que compete replicar junto da nossa Câmara para os benefícios da paróquia, e não se continuarem a manter alheios ao que se passa em redor.

E' de lamentar que até o caminho principal, (o do Maninho) no inverno só seja transitável de barco, não falando porém naquele pedaço que é caminho só de nome que se estende desde a estrada ao Barbeito.

Como estes há muitos, e mais virá a haver se continuar o mesmo silêncio, que até aqui se tem notado por parte dos interessados neste caso lamentável e triste.

Em freguesias de concelhos snlistas nada disto se vê, digo isto porque já tenho tido o prazer de observar.

Não quero porém dizer com isto que na nossa terra fosse preciso estradas; nada disso: caminhos já era bastante para quem nada tem.

Acabam aqui as palavras de alguém que quer conseguir acordar quem parece dormir.

Manuel António Ribeiro

Carta de Lisboa

A emigração dos Melgacenses e sua acção em Lisboa

Como é sabido de todos, Melgaço é um concelho cujos habitantes vivem única e exclusivamente da lavoura. Porém em Melgaço não existe a grande lavoura como noutras províncias e por isso mesmo todos têm algumas propriedades. O lavrador, porém, só pode arrancar à terra o pão, o vinho e alguns cereais e legumes. Contudo, quase todos eles precisam de tudo isso para a sua manutenção durante o ano; e, embora se venda algum vinho, pois que quase todos colhem em abundância, exceptuando as zonas montanhosas, o lucro do mesmo não chega para acudir às despesas ocasionadas pelo seu tratamento.

Além disso o lavrador precisa vestir-se, calçar-se, pagar as contribuições, comprar diversos utensílios requeridos para o seu múnus, e não pode comer só pão, require também os géneros de mercearia. E quando surgem anos de fraca produção? Em geral vê-se sempre atrapalhado e encerrado neste dilema: ou se alimenta mal e contrai dívidas ou tem que procurar lugares onde possa ganhar para acudir às suas necessidades. Optam por esta última solução; mas como a sua terra não lhes pode dar trabalho sufficientemente remunerado, emigram, deixam sua casa, esposa e filhinhos, pais e irmãos e ei-los que partem à conquista do vil metal; sim vil, mas necessário.

Longe do seu torrão natal e de todos os seus trabalhos, gastam-se e sofrem para que suas famílias tenham o suficiente. Alguns por lá morrem; e, neste caso, quase sempre a família fica peor do que antes, pois falta um braço que era talvez essencial à vitalidade da família.

Entre as terras que os Melgacenses mais procuram conta-se a França, Espanha, África, América Latina, Canadá e Lisboa. E' destes que vêm para este último lugar que eu quero dizer algumas palavras. Não vou referir-me a fulano nem cicerano, nem tão pouco às diversas profissões que exercem, mas tão sómente como agem perante o sentimento que a sua terra natal neles produz.

De todos aqueles que vêm para Lisboa, uns são rapazes para os quais na terra não há ramos de trabalho onde possam executar a sua profissão, outros são homens já feitos, aos quais a sorte não ajudou a angariar coisa melhor ou então porque desejam estar mais perto da família onde vão a miúdo para melhor orientação da vida de casa.

Entre todos eles sou obrigado a mencionar três grupos para os quais os motivos da sua vinda foram diferentes. No primeiro, incluem aqueles que aborrecidos com o trabalho pesado do campo procuram um lugar melhor onde trabalhem menos. No segundo, ponho todos aqueles que desejosos de viver e gozar a vida com todas as facilidades e confortos, procuram o ambiente das cidades onde bebem o cálice do prazer até à última gota. Digo isto porque há alguns, infelizmente, que assim procedem. Chegam até a esquecer a família. No terceiro e último grupo incluem aqueles (a maioria) que cá trabalham e procuram ganhar honradamente a vida, pois que na sua terra não encontram facilidades.

Este grupo encerra carpinteiros, merceiros, caixeiros, simples marçanos, cortadores, agentes da policia, empregados de diversos misteres públicos e empregados de escritório. Às vezes, por força do acaso, encontramos-nos. Uns mostram-se interessados por tudo o que diz respeito à terra, outros são indiferentes, e outros finalmente quase que a esquecem. Em geral depende da profissão que exercem e por isso todos têm, mais ou menos, as suas razões.

Por várias vezes um deles me tem dito que poderíamos ter uma sala própria alugada onde podíamos reunir-nos nos dias que o trabalho nos deixa livres. Falava-se de assuntos concernentes à nossa terra, redigiam-se alguns artigos para os jornais Melgacenses, enfim mostrar-se-ia a presença de Melgacenses em Lisboa, dando assim um conhecimento mais perfeito da nossa tão linda terra. Porque, diga-se de passagem, muita gente pensa que Portugal acaba em Monção; mas não acaba não. Se Melgaço anda assim tão esquecido é por culpa dos seus próprios filhos que não se interessam.

Poderíamos ter um jornal muito melhor que seria o mais eficiente reclame, se todos aqueles que estão dentro e fora dela se unissem com o mesmo pensamento e o mesmo desejo de tornar Melgaço mais conhecido.

Que todos, os que que cá estão, vivam completamente absorvidos pelo trabalho, concordo, pois se cá estão é para trabalhar e para poderem ir de quando em vez visitar suas

(Continua na página 6)

Da Vila

Fevereiro, 10.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Já aqui o dissemos, por duas ou três vezes, mas voltamos a dizê-lo, pois nunca será demais repeti-lo: — o pavimento daquela malfadada rua de Baixo e suas travessas — cujo estado já era precaríssimo — depois que se procedeu ao assentamento da canalização para o abastecimento de água, ficou verdadeiramente vergonhoso, parecendo que o sítio foi agitado por violento terramoto, ou cousa parecida; pois é cova aqui, pedregalhos ali, precipício além, monturo por toda a parte... em suma, uma miséria, que só vista, porquanto não há palavras que a possam descrever. Há bons sete anos que — para descrédito de Melgaço — aquela "beleza-de-hortalica" ali se patenteia... Até quando?!

Diz-se que a nossa Ex.ma Câmara tenciona repavimentá-la, ainda este ano, ao que parece, com as calcetãs retiradas da rua do Rio do Porto. Se assim for... tal procedimento poder-se-á comparar com o de um chefe de família que à sua mesa distribuisse boa carne por uns filhos e aos outros... lhes desse só ossos para roer. Esta comparação talvez pareça algo grosseira, mas olhem que... de momento, não topamos outra mais adequada.

Pois então os moradores daquele bairro não são tão bons melgacenses como os que o são?... Se o são, porque se lhes não há-de pavimentar as referidas artérias a paralelepípidos...? De resto, numa época em que em todos os centros urbanos se procura substituir a antiga calçada à portuguesa por pavimentação a cubos, é um verdadeiro contra-senso querer regressar ao tempo do Senhor Rei D. Afonso Henriques.

Crispino

Falecimentos — Com 70 anos de idade, faleceu, no pretérito dia 30, na casa de sua residência, sítio no lugar das *Várzeas*, subúrbios desta Vila, a s.ra Hermezinda da Cruz Durão, viúva de Luís Gonçalves, distinto componente que foi da nossa Banda, e filha de José Durão e de Carlota Rosa Sarandão. Gozava da geral estima e simpatia, motivo porque o seu funeral, que se realizou no dia seguinte, foi extraordinariamente concorrido.

A toda a família entulada, em especial a suas filhas, s.ras Maria, Alzira, Margarida, Rosa, Corina da Conceição e Maria Olinda Gonçalves, e a seus filhos, srs. Celestiano, Manuel e José Luís Gonçalves, aqui deixamos consignada a expressão sincera do nosso profundo pesar.

— Também faleceu, nesta Vila, no pretérito dia 26, o sr. Mâncio Rosa Alves de Melo, vigilante do matadouro municipal aposentado, casado com a s.ra Georgina Cândida Marinho.

Contava 76 anos e gozava de geral estima. Paz à sua alma e sentidos pésames aos doridos.

Mercado semanal — No mercado semanal, realizado, ontem, nesta Vila, vendeu-se: — Milho a 8\$50, o meio decalitro; centeio a 11\$00, idem; feijão rajado a 10, 11 e 12\$00, idem; batata-semente (da região) a 35\$00, o alqueire (30 litros); batata para consumo a 1\$30, o quilo; cebolas à razão de 2\$50, idem; galos, galinhas, frangos e franginhos, desde 25, 20, 15 e 10\$00, cada, respectivamente; ovos a 8\$00, a dúzia; maçãs desde 1\$50, idem; e bons molhos de grelos, tanto de nabos como de couve-nabiça, a 1\$00, cada.

Festa de S. Brás — Como havíamos noticiado, realizou-se, no pretérito dia 3, a tradicional festividade em honra do glorioso bispo-mártir S. Brás, advogado dos males da garganta, a qual constou de missa solene, a grande instrumental, sermão, pelo rev. Abílio Mariz de Faria, muito digno Abade de Cristóval, e uma luzida procissão.

Teve a abrilhantá-la a música de Tangil, que, à falta de melhor, remediou; e a concorrência de forasteiros, já por ter sido domingo, já porque o tempo esteve bom, foi grande.

O tempo e a agricultura — Tem troyejado e chovido violentamente, o que é de grande proveito para a agricultura, pois que... quando em Fevereiro chuva não veio, não há bom prado nem bom centeio.

— As "podadas" e "atadas" vão de vencida; mas ainda há muita coisa por fazer.

Ministério do Interior

Direcção Geral de Saúde

Delegação de Saúde do Distrito de V. do Castelo

EDITAL

A Delegação de Saúde do Distrito de Viana do Castelo torna público que os trabalhadores das indústrias e comércio de substâncias alimentares constantes da Portaria n.º 15.184, de 30 de Dezembro de 1954, devem apresentar-se a exame médico nas subdelegações de saúde dos concelhos da sua residência para obtenção do boletim de sanidade, nos meses seguintes:

FEVEREIRO

Pessoal leiteiro ocupado na ordenha, transporte, distribuição e venda de leite, bem como o empregado nas indústrias de laticínios, nas centrais de pasteurização, centrais leiteiras e postos de recepção, recolha e análise de leite;

MARÇO

Pessoal de fábricas de refrigerantes, bem como de fábricas de cerveja, de sumos de frutos e de xaropes;

JANEIRO, FEVEREIRO E

MARÇO

Pessoal de hotéis, pensões, hospedarias, restaurantes, casas de pasto, botequins, bares, tabernas, adegas, casas de comidas e bebidas, quiosques com bebidas, cafés, casas de chá, pastelarias, confeitarias, mercearias e vendedores ambulantes de bolos e gelados;

ABRIL

Pessoal de moagens e fábricas de massas, de bolos, bolachas e biscoitos, de cacau e chocolate, de conservas de frutos e de gelo e gelados;

Pessoal de matadouros, talhos e salsicharias, depósitos de carne e peixe, depósitos de fressuras e tirpaís e de todas as indústrias de preparação de carnes, incluindo as fábricas de conservas de carne e de peixe

Nota — O não cumprimento desta disposição legal implica a multa prevista no Artigo 23.º do Decreto n.º 13.166, de 28 de Janeiro de 1927.

Viana do Castelo, Dezembro de 1956.

O Delegado de Saúde

Sociedade ANIVERSÁRIOS

FAZEM ANOS: — amanhã as s.ras D. Albina Rosa de Vasconcelos Mourão Passos de Almeida e D. Leonídia Cândida de Vasconcelos Mourão Passos Pereira e os srs. Ernesto Soares e José Maria Pereira (sobrinho); no dia 20 as s.ras D. Aurora Augusta Domingues Soares e D. Olinda Dantas da Costa Afonso e o jovem Fernando Vaz Alves; no dia 21 as s.ras D. Carlinda Pires Domingues e D. Olívia da Conceição dos Santos Lima; no dia 23 a menina Maria do Rosário de Sousa e Castro; no dia 24 as s.ras D. Maria Amândia Fernandes Pereira e D. Violeta de Carvalho Esteves, a menina Maria José Moraes Esteves e o sr. Alcindo José Alves; no dia 26 a s.ra D. Maria Angelina da Conceição Alves da Silva Lima; no dia 27 as s.ras D. Beatriz Mendes Pinto e D. Júlia Meleiro Lourenço e o sr. Manuel Lourenço, e no dia 28 a menina Ena Fernandes e os meninos António José Ribeiro Domingues (um ano) e Jorge Manuel Salgado Soares.

CASAMENTO — Na arquiseular igreja do Convento de Paderne, realizou-se, em 20 do mês findo, o enlace matrimonial da menina Maria Adelaide Fontes, prendada filha do sr. Estanislau Fontes e de sua esposa, s.ra D. Olívia da Conceição de Sousa Lobato Fontes, do Barral, com o sr. José Bento Fernandes, cujo acto foi paraninificado pelo sr. João Bento de Sousa Lobato e pela s.ra D. Maria dos Anjos Moreira dos Santos Lobato.

"A Voz de Melgaço" faz votos pelas felicidades do novo casal cristão e deseja-lhe uma perene lua de mel.

Por SANTA RITA

Fomos dolorosamente surpreendidos com a notícia do falecimento no Pará, Brasil, da senhora D. Gracinda Loureiro, esposa amantíssima do Senhor Manuel Loureiro, de Surribas. Perdeu esta igreja uma insigne benfeitora. Ao seu ilustre marido, e nosso querido amigo Senhor Manuel Loureiro, os nossos sentidos pésames.

O povo da freguesia assistiu, há dias, à santa missa celebrada por sua alma e lamenta a perda de tão bondosa e caritativa senhora. Nunca se fez peditário para esta igreja, em que Ela não aparecesse. E só de uma vez mandou-nos 3.000\$00. — Que lá do Céu, ela proteja esta nossa obra. Perdemos uma grande Benfeitora.

Continuam a chegar as ofertas: — Da mesma Senhora, D. Gracinda Loureiro e Marido, antes do falecimento, mais mil escudos. Do nosso querido amigo, Sr. Sargento Joaquim Marques, 20\$00; do Sr. António Alves, da Cadosa, 20\$00; do Sr. Augusto José Alves, Vila do Conde, mais 50\$00; do nosso estimado assinante, Sr. António de Araújo, digno guarda-fiscal, no Porto, mais 10\$00 e do nosso tesoureiro, mais 340\$00.

A todos, muito e muito obrigado. Santa Rita pague a todos.

Vamos ver se este ano, até Junho, acabamos com as obras na igreja, para começar com as outras.

Como o tempo foge! Amigo, vem daí. Anda conosco...

Parada do Monte, 10

Casamentos — Consorciaram-se no dia 28 do mês passado os nubentes Justino Lourenço, do lugar do Carrascal, com a menina Maria Gonçalves Fontes, do lugar do Chão do Bezzerro.

Ao novo lar desejamos-lhe uma vida cheia das maiores felicidades.

Partidas e chegadas — Para França tem partido alguns homens e rapazes desta freguesia que vieram passar o Natal com suas famílias.

— De Cascais veio o sr. José Esteves, do lugar da Lagarteira.

O tempo e a agricultura — Tem chovido torrencialmente acompanhado de ventos ciclónicos que parece haviam de levar tudo na sua frente. No entanto que nós saibamos por enquanto não tem feito mal. Mas nos temporais que vieram em Dezembro, o vento derrubou o braço da cruz que fica por cima da porta principal da igreja matriz desta freguesia, pois esta já estava ali desde a primitiva e nunca tinha sido derrubada, portanto já não devia ser pouco o vento.

Os trabalhos da lavoura estão paralisados devido à chuva, pois há uma semana que chove constantemente. Mas a chuva fazia muita falta por causa dos pastos dos gados que estavam completamente secos. — (C).

Carta de Lisboa

(Continuação da 4.ª página)

famílias. Mas o que eu não concordo é que se fechem tão egoisticamente em si.

É isto que me veio à mente dizer de todos aqueles que por cá trabalham para que suas famílias sejam felizes e para que eles próprios encontrem a felicidade. Não venho aqui censurar. Longe de mim essa ideia que seria bastante irrisória. Venho, pura e simplesmente, esboçar, em mal esbatidas tintas, um pensamento que me ocorreu. Espero, portanto, que não seja injusto.

Não sei se todos eles gostam da vida de cidade; eu pelo menos aborreo-a pois que é uma vida totalmente fictícia. Assim se vivessemos nesta conformidade poderíamos fazer com que este fardo fosse mais leve e ao mesmo tempo daríamos Melgaço a conhecer a Portugal.

É tudo isto que penso, seja mal ou bem, tudo o que eu desejaria e que escrevo para quem quiser dar-se ao martírio de ler.

Lisboa, 2.ª quinzena de Janeiro de 1957.

MANUEL COSTINHA

Idem

DUAS PALAVRAS PARA O MÁRIO — DIVERSAS NOTÍCIAS

Amigo e senhor Mário! O Costinha vem hoje dirigir-se a si e, retomando a palavra do nosso Arquimedes e repetindo as suas diz: *eureka!* sim *eureka*. Gostaria de empregar o verbo na devida pessoa, mas como o não sei conjugar, fica mesmo assim.

Não exagere as minhas "atenções"! O senhor fez-me ser desenhador à força, a mim; que enquanto andei por aqueles célebres bancos, não tirei uma positiva na referida matéria, mas enfim, como para bom entendedor meia palavra basta, o Amigo Mário percebeu o suficiente.

Fez-me rir com a piada da ponte sobre o Tejo. Para mim que tenho que atravessá-lo todos os dias não era nada mau; porém, não era a solução mais recomendável, conforme dizem e pensam "cabecas de peso": à mesa dos nossos clássicos cafés.

Segundo planta que vi algures, a referida ponte saía da parte alta da cidade, atravessava parte dela em arcos e ia sair à parte alta de Almada. Teria um grande comprimento e forçaria as pessoas a dar uma grande volta e a perder mais tempo, pois que a travessia pelo barco, leva o máximo 15 minutos. Contudo sempre seria melhor.

Parte dos almadenses não a desejam, alegando que a ponte faria com que Almada ficasse a ser um bairro de Lisboa. Ideia e caprichos. Claro que estes senhores não precisam de atravessar o dito rio todos os dias. Porém aqueles que vêm de Almada para Lisboa e desta para aquela, reclamam e pedem a ponte. É ver a bicha em frente dos barcos, quando há nevoeiro. Mas como ela nunca se fará, quem está a ganhar são os primeiros e... as empresas possuidoras dos barcos.

Amigo e senhor Mário, espero, quando fer à minha querida terra, terra da qual tenho tantas e tantas saudades, visitá-lo, pois os velhos amigos nunca se esquecem. Não os amigos velhos mas sim os velhos amigos. O resto virá por acréscimo: Valeu, sim senhor.

Lisboa enfeita-se e embeleza-se para receber Sua Magestade a Rainha D. Isabel II de Inglaterra que visitará oficialmente a Nação Portuguesa de 18 a 21 de Fevereiro. Os portugueses que sempre foram hospitaleiros querem manifestar à Soberana da velha aliada todo o prazer e toda a alegria que sentem com a sua visita, retribuindo assim a carinhosa recepção de que foi alvo o Senhor Presidente da República, quando da sua visita à Inglaterra.

Em frente ao Terreiro do Paço levanta-se uma rica tribuna onde Sua Magestade Britânica receberá os primeiros cumprimentos e saudações dos filhos de Portugal.

Pintam-se as casas, erguem-se colunas embandeiradas, retiram-se tapumes e ultimam-se obras das ruas da parte baixa da cidade por onde Sua Magestade passará em cortejo triunfal. No cimo do Parque Eduardo VII, outra tribuna donde o cortejo real admirará o lindo panorama que dali se disfruta. Serão largados, nesse momento; centenas de pombos o que produzirá um lindíssimo efeito. Nesse dia, portanto, haverá muitos *berrachinhos*.

A Avenida da Liberdade, a mais linda e pitoresca de Lisboa, também se está a pôr num brinco. Como devem saber o *Metropolitano* atravessa-a de lés a lés e o aspecto provocado pela abertura do túnel, não é dos mais atraentes. Porém já está tudo pronto; caíram os tapumes, ajardina-se a parte que foi posta a descoberto, plantam-se arbustos e até se colocam; ou melhor recolocam; algumas estátuas que

S. Paio, 5

Foi nomeada regente do posto escolar de S. Paio a menina Maria Armada de Figueiredo, que já entrou em funções.

—Têm partido para França vários conterrâneos desta freguesia.

—Consta-nos que vai começar brevemente a estrada para S. Paio, partindo da Costa. Já não é sem tempo, pois parte do estudo já foi feito em tempo do saudoso Abade Raimundo Prieto, muito antes do ano de 1939.

—Também se encontra bas-

FALECIMENTO — No dia 24 do passado mês de Janeiro, faleceu no Abrigo de Eiró, o nosso querido amigo António Rodrigues, do lugar do Pinheiro desta freguesia.

—Foi nomeado Apontador do Desemprego no concelho de Melgaço, e já tomou posse, o sr. José Bernardino Durães, da Carpinteira. —C.

—Foi nomeado Apontador do Desemprego no concelho de Melgaço, e já tomou posse, o sr. José Bernardino Durães, da Carpinteira. —C.

Rouças, 13

Faleceu há dias, em Requeijo, a Sr.ª Aurélia Esteves, mãe dos nossos amigos Augusto Rodrigues, de Surribas; António Rodrigues, dos Carvalhos. Era tia do sr. Abade de Couso.

A toda a família enlutada, os nossos sentidos péssames. —Voltaram a começar os trabalhos na estrada da Carpinteira a Fiães, mas o tempo não deixa.

—Foi, há dias, vítima de um desastre de motocicleta em Castro Laboreiro, o nosso preso assinante Manuel Joaquim Esteves, digno guarda florestal, em Portelinha.

—Por esse motivo seguiu para o Hospital de Santo António do Porto, onde se encontra em tratamento, com fractura de uma perna.

—Está para breve o casamento de Manuel Domingues, da Eira com uma menina de Chão da Cancela, de Fiães.

—Partiu, há dias, para França, o Sr. Manuel Domingues Magano. Era do lugar de Oleiros. Partirão em breve quatro homens.

—Está para breve também o casamento de Manuel Soares, de Loviô, com a gentil menina Prazeres de Jesus Melciro, daquele mesmo lugar.

—Foi há dias, baptizada uma menina, filha de Alzira Domingues Regueira, de Bilhões.

Falecimento

Com 73 anos de idade, faleceu, em 19 do mês findo, em Salreu, Estarreja, a sr.ª D. Rosa Correia de Sousa, chorada mãe do nosso estimado amigo e assinante sr. Tibério Correia de Sousa, muito digno funcionário da S.A.P.C. naquela localidade.

O funeral da saudosa extinta realizou-se no dia seguinte com enorme concorrência, tendo os seus restos mortais sido transportados no pronto-socorro dos Bombeiros Voluntários de Estarreja para o cemitério de Salreu.

A toda a família enlutada, nomeadamente àquele nosso amigo e sua esposa, sr.ª D. Maria Madalena Gomes de Sousa, aqui deixamos consignada a expressão sincera do nosso profundo pesar.

estiveram metidas não sei onde, enquanto duraram as obras.

O aspecto da mesma avenida é bonito; porém como estava antes do começo das obras, a meu ver, era muito mais. Os seus pequenos lagos onde enxameavam dezenas de peixes de todas as cores e os tão elegantes e atraentes cisnes, faziam com que muitas pessoas parassem, mirando e admirando tão lindo espectáculo. Mas enfim, como atrás de tempos, tempos vêm e "outro valor mais alto se levanta", calemo-nos.

Soube da passagem; cá por Lisboa, do José Albano de Melo inteligente aluno da Universidade de Coimbra. Gostaria de o cumprimentar, porém não me foi possível, embora o tivesse procurado no lugar que me indicaram. Para outra vez será.

Passaram também por cá alguns rapazes, entre eles um parente meu, que vão prestar serviço militar na Índia. Também não pude estar com nenhum, pois que o embarque foi rápido e fez-se muito cedo. Digo isto, não com conhecimento pessoal da causa; mas pura e simplesmente porque pessoas amigas mo contaram.

E acabou-se, amor, acabou-se; como diz a cantiga.

Lisboa, 1.ª quinzena de Fevereiro de 1957.

Manuel Costinha

Por Paderne

Trabalhador, honesto e com o seu trato afável, soube conquistar a amizade de quantos o conheciam.

Há bem pouco, quando do seu regresso do primitivo internamento vimos-lo e falámos um bocadinho sobre a sua doença, que embora tivesse a certeza que era a que o havia de vitimar, nunca o julgamos com o fim tão tenso.

Fraco e abatido julgava enganar-se a si e aos mais, o que sempre o conseguiu até à última hora de despedida que devia ser bem triste, visto ser atrebatado na altura em que a vida nos parece sorrir, 22 anos.

O seu funeral veio até à sua e nossa querida freguesia, acompanhado do Rev. Pe. Justino da Vila e nele se encontraram muitas pessoas de ambas as comarcas sociais.

Paz à sua alma e a família enlutada, principalmente a sua inconsolável mãe e irmã o nosso cartão de sentimentos.

TRASFERENCIA — A seu pedido foi transferido de Chaves para a nossa Vila o nosso distinguido amigo e assinante sr. Sargento da Guarda Fiscal, Joaquim António Marques, o qual quando da sua promoção se encontrava a comandar o posto da Guarda Fiscal do Peso. Pelo seu trato lido, deixou nesta freguesia inúmeros amigos e que lhe agorram as maiores felicidades.

VISITANTES — De visita à sua querida mãe tivemos o prazer de abraçar nesta freguesia o nosso amigo e assinante 1.º cabo da Guarda Fiscal sr. Aníbal Vieites, distinto comandante do posto da Penêda—Gavieira.

DOENTES — Há alguns dias que se encontra doente no leito, o sr. Prof. Oficial e Vice-Presidente da Câmara Municipal Manuel Luís de Pinho Gonçalves.

Que logo se restabeleça, são os votos sinceros que fazemos. —C.

Excursão a Lisboa (Ida e volta)

Em luxuoso Auto-Carro e a preços Populares, excursão turística a realizar em Agosto próximo de cinco dias, com passagem por FÁTIMA.

Para mais esclarecimentos, consultem os programas já distribuídos, ou a Pensão Minhotã, onde se encontra aberta a inscrição.